



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

FABIANA DE MATOS BERALDO

**AMOR LÍQUIDO: Uma reflexão sobre amar na
modernidade**

ARIQUEMES-RO
2018

FABIANA DE MATOS BERALDO

**AMOR LÍQUIDO: Uma reflexão sobre amar na
modernidade**

Monografia apresentada ao curso de
Graduação em Psicologia da
Faculdade de Educação e Meio
Ambiente – FAEMA, como requisito
parcial a obtenção do título de
bacharelado em Psicologia

Profª. Orientadora: Ms. Ana Claudia Yamashiro
Arantes.

Ariquemes - RO
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Júlio Bordignon – FAEMA

B482a BERALDO, Fabiana de Matos .

Amor líquido: uma reflexão sobre amar na modernidade. / por Fabiana de Matos Beraldo. Ariquemes: FAEMA, 2018.

AAV 65 p.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

AAV Orientador (a): Profa. Ma. Ana Claudia Yamashiro Arantes.

1. Psicologia. 2. Amor Romântico. 3. Modernidade Líquida. 4. Comportamento. 5.

Amor Líquido. I Arantes, Ana Claudia Yamashiro. II. Título. III. FAEMA.

CDD:150.

Bibliotecário Responsável

EDSON RODRIGUES CAVALCANTE

CRB 677/11

FABIANA DE MATOS BERALDO

https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=7BB65281B76F8B855761B7691D9A29A3

AMOR LÍQUIDO: Uma reflexão sobre amar na modernidade

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do título de bacharelado em Psicologia

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora Ms. Ana Claudia Yamashiro
Arantes

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4742934E8>.
Faculdade de Educação e Meio Ambiente-
FAEMA



Prof^o. Dr. Fernando Bilhalva Vitória
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4133004A7>
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof^a. Ms. Eliane Alves Almeida Azevedo
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4294711Y9>
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Ariquemes, 12 de Novembro 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente quem me acolheu de braços abertos, me conduzindo pela estrada de cinco anos de um campo de pesquisa, permitindo-me adentrar em seu universo intelectual e em sua residência, me ensinou a beber da fonte do conhecimento, com paciência e maestria; ela incentiva e castra apenas com sorrisos, me ensinou muito além que teorias através da intensidade e do brilho que ela leciona; fez com que universos em mim fossem descobertos com a magnitude de uma filósofa extraordinária e que Jung, Freud, Nietzsche e Foucault, entre outros, demonstram através de suas teorias um amor, amor pelo indivíduo e suas relações. É com imenso prazer, que tenho em tê-la como Professora, Supervisora e Orientadora, minha Mestre Ana Claudia Yamashiro Arantes.

É com muito orgulho que descrevo sobre uma Mestre que me incentiva a pesquisar teoricamente os casos de meus pacientes, leciona com carinho e foca a atenção de todos para seus conhecimentos, com sabedoria e discernimento; ela está preparada para nos atender sempre, dando o melhor de si; destinada ao campo profissional, quando possível dura para nos fortalecer perante as dificuldades, Eliane Alves Almeida Azevedo é presente em minha vida muito além dos portões da Faculdade. Hoje Professora, Supervisora e Avaliadora da minha banca, agradeço a Deus por juntar nosso caminho em uma instituição.

É com imenso prazer, carinho, amor e orgulho que finalizo minha graduação com duas Psicólogas de Orientação Psicanalítica fenomenais com relação às quais tenho admiração ímpar. Tenham certeza que ambas estarão em meus pensamentos. Foco nelas em como ser uma profissional com excelência.

Agradeço o destino (que sorte a minha!), que trouxe o Dr. Fernando Bilhalva Vitória a fazer parte do momento que é único em minha vida, para poder explanar um pouquinho do meu conhecimento, um tema no qual me atrai profissionalmente diante deste mundo líquido e dos amores e suas relações intrínsecas e extrínsecas que o indivíduo possui, e da cristalização cultural que este está inserido.

Agradeço as minhas colegas e amigas de turma, Dionesia Carvalho, Edna Caratti e Juliana Leite, pela reciprocidade de companheirismo, estudo e ombros amigos nos momentos difíceis. Agradeço a turma como um todo. Levarei um significado especial de cada um. Agradeço todos os meus Professores por me proporcionarem conhecimento, e em especial à Coordenadora Carla Patrícia Rambo Matheus por demonstrar um desempenho além de seus cargos, acolhendo sempre.

Agradeço as minhas primas/amigas pelo incentivo que sempre injetaram em minha vida, em especial duas, Carina Bruch e Debora Claís, que proporcionam uma alegria imensa neste momento que terei tendo uma graduação. A Psicologia para nós três tem espaço especial em nossos corações. Uma andorinha só pode fazer verão, mas três, proporcionará as quatro estações. AMO vocês!

E por último não menos importante, agradeço a Deus pela minha existência, e aos meus amores, porque amar requer um aprendizado, de formas, emoções, afetividade, companheirismo, tempo de qualidade, investimento, cuidado, acolhimento... posso ficar laudas e laudas descrevendo e agradecendo o amor que sinto por vocês, porque amar é descobrir dia a dia que, até os seus defeitos eu amo:

Flávia, uma irmã de quem eu já fui mãe, filha, amiga. A intensidade do nosso amor sempre está no oito e no oitenta, mas a nossa união nos fortalece. Estamos unidas não apenas pelo sangue e pela força, agora estamos unidas por amar dois seres que somos capazes de chegar a loucura para protegê-los.

Gabriel afilhado querido, meu pequeno Hans, nosso pequeno grande chef de cookies. Pequeno no tamanho e grande na persistência de alcançar seus objetivos. Nossas almas se encontram nesta encarnação e têm um propósito essencial para nossa evolução. Você é sem dúvida uma alma brilhante.

Murilo, filho amado, que por cinco anos sofreu e festejou comigo minhas conquistas da graduação, me entendeu quando não pude estar com você para estagiar e ir para as aulas. Você é uma alma iluminada! Sua bondade e compaixão me ensina tanto e ensina todos a sua volta; meu pequeno Nerd e futuro Engenheiro Mecatrônico, agradeço a Deus, por ter colocado você em meu útero, confiando em mim, para que eu pudesse ensinar a você a voar pro mundo. Seu sorriso alegra minha alma! Tem dez anos que meus dias se tornaram festa; poder escutar você e suas ideias me faz ter certeza de que tudo é possível, e eu creio nisso, e creio em você e na sua capacidade.

O amor é só uma direção, não um lugar, e se consome com a obtenção de seu objetivo, a posse (na cama ou em outro local) do amado.

Alain De Botton

RESUMO

Este trabalho, que se constitui de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, objetiva promover uma reflexão sobre as características e dificuldades das relações amorosas na era da modernidade líquida, sendo esta definida pelo derretimento maciço dos sólidos que antes compunham a sociedade, ou seja, tem-se o aniquilamento das forças institucionais hegemônicas que antes ditavam o desenvolvimento e manutenção da malha social. Isso resulta em relações marcadas pela celeridade, pelo consumo do outro como um objeto descartável e pela facilidade absurda e indolor de se desconectar, dando origem ao amor líquido. O amor é uma construção criada a fim de sanar uma falha inscrita no inconsciente, porém, essa falha jamais é totalmente preenchida. Com base nisso, a mídia se apoderou e disseminou o conceito de amor ideal como identificado à felicidade total e ao sentimento de completude. Tal processo corroeu a durabilidade das relações que existiam nos enlaces amorosos típicos do período romântico e levou a uma crescente desvalorização das relações amorosas e do outro. Neste sentido, talvez a única forma de redenção dos enlaces afetivos modernos esteja no resgate da relação consigo, através de uma educação que traga ao centro do palco o monstro sempre faminto que escraviza toda uma geração: a ideologia do capital contemporâneo.

Palavras chave: Amor romântico; Modernidade líquida; Amor líquido

ABSTRACT

This study purpose to make a reflection about characteristics and difficulties found on love relationships in the liquid modernity era. This being defined by the massive melting of solids that previously made up the society, in other words it has the annihilation of the hegemonic institutional forces that previously dictated the development and support of the social structure. Resulting in relationships marked by celerity and by the consumption of the other people as a disposable object and the absurd and painless ease of disconnecting, giving rise to the liquid love. Love is a construction created in order to heal the fault inscribed in the unconscious, however this fault is never be filled. Based on this the media has seized and disseminated the ideal love concept that it is equal a total happiness and the completeness feelings. This process eroded the durability of relationships that existed in the romantic bonds typical of the Romantic period and led to a growing devaluation of relationships and of the other. In this sense the only way of redemption of affective modern bonds is in the rescue of the itself relationship through an education that brings to the middle of the stage the always hungry monster that enslaves an entire generation, the contemporary capital ideology.

Keywords: Romantic love; liquid modernity; liquid love

SUMÁRIO

SUMÁRIO	09
INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3 METODOLOGIA	14
4 REVISÃO DE LITERATURA	15
4.1 UM BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE O AMOR.....	15
4.2 O MOVIMENTO ROMÂNTICO.....	20
4.2.1 Ensaio de Amor	28
4.3 FREUD E O AMOR	34
4.4 O AMOR NA MODERNIDADE LÍQUIDA.....	37
4.4.1 Fatores de liquefação componentes do Amor Líquido	43
4.4.1.2 Casamento	44
4.4.1.3 Feminismo e a inserção da mulher no mercado de trabalho	46
4.4.1.4 Movimento Hippie	49
4.4.1.5 Movimento Homossexual	49
4.5 O IMPERATIVO DO GOZO EM TEMPOS DE AMOR LÍQUIDO.....	51
4.5.1 Ainda existe esperança?	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos, o amor foi compreendido, desenvolvido e manifestado de diversas maneiras, sendo influenciado por inúmeros fatores socioculturais presentes em cada época. Portanto, sujeitos de recortes cronológicos distintos possuíam seu próprio jeito de amar, além de terem também, mecanismos sociais que ofereciam suporte a esse jeito, legitimando toda uma forma de agir que caracterizava as mais diversas sociedades. Assim, tal sentimento passou por várias transformações, sendo comparado no Antigo Egito a uma doença que suscitava o aniquilamento do eu. Já na Era Grega Clássica era entendido como uma força dotada da capacidade de consubstanciar e simetrizar presentes tanto na relação sexual, na amizade e na concórdia política. Além de estar atrelado as virtudes intrínsecas ao bem e beleza, típicas do homem sábio. Chegando, muito posteriormente, ao movimento romântico que teve seu início em 1836, no qual a característica predominante do sentimento amoroso era a idealização do objeto de amor, verdadeiramente adorado como um símbolo de perfeição (GIDDENS, 1993; RÜDIGER, 2013; GUEDES e ASSUNÇÃO, 2006; MENEZES, 2007; SOUZA, 2007).

Partindo-se desse pressuposto, hoje vive-se no período da modernidade líquida, definida pelo derretimento maciço dos sólidos que antes compunham a sociedade, ou seja, tem-se o aniquilamento das forças institucionais hegemônicas que dantes ditavam o desenvolvimento e manutenção da malha social. Logo, há uma configuração inédita das relações afetivas que desembocam no que Bauman chama de amor líquido, que nasce de uma capciosa ambiguidade: o desespero que o sujeito líquido tem de ligar-se ao outro, ao mesmo tempo que teme a natureza dessa conexão que não pode ser duradoura, porque se assim o fosse, ele poderia perder a oportunidade de vivenciar uma futura experiência amorosa ímpar ou pior ainda, poderia aprisioná-lo em uma relação que, ao depender emocionalmente do outro, mesmo que um pouco, macularia sua tão amada e respeitada liberdade e autonomia individual. São relações marcadas pela celeridade, pelo consumo do

outro como um objeto descartável, conseqüentemente, pela facilidade absurda e indolor de se desconectar do outro (BAUMAN, 2001; BAUMAN, 2004). A partir disso, questionamentos importantes são levantados, tais como: Quais as conseqüências da modernidade líquida sobre os sujeitos? Qual é a dinâmica das relações afetivas na atualidade? Qual o papel da ideologia de consumo nesse âmbito? Quais são os fatores que influenciam nesse caos experimentado nas relações amorosas? O homem está fadado indefinidamente a viver as mazelas de um amor líquido? Ou existe uma solução? Qual? Essas questões são de extrema importância para se pensar e debater as dinâmicas sociais da contemporaneidade, desvelando a existência de um sujeito subjugado que ao mesmo tempo, não tem consciência de sua situação de escravo, que não vê aquele que o domina. Legitimando um cenário de alienação perversa que desumaniza os enlaces afetivos.

De acordo com Ferreira (2004), o amor é uma fábula criada com o desígnio de tentar suprir uma falta primordial inscrita no inconsciente, por isso, tal sentimento seria tão idealizado, levando o sujeito a acreditar que através de sua vivência haverá finalmente, uma sensação de plenitude e júbilo. A mídia é uma das principais armas de dominação das massas, pois permite que os indivíduos absorvam ideologias, sem nem perceber, passando a reproduzi-las de maneira automática. Com base nisso, o conceito de amor ideal que é igual à felicidade total, foi capturado por ela e difundido em todas as suas variações. Sendo este cenário alicerçado pela lógica do insaciável mercado de consumo.

Tal processo corroe a durabilidade das relações que existiam nos enlaces amorosos típicos do período romântico e levou a uma crescente desvalorização das relações e do outro. Neste sentido, talvez a única forma de redenção dos relacionamentos atuais esteja no resgate da relação consigo, através de uma educação que traga ao centro do palco o monstro sempre faminto que escraviza toda uma geração - a ideologia do capital contemporâneo - e propicie o questionamento sobre a ideia de consumo exagerado tanto de bens, quanto do outro, que foi transformado em objeto, questionando essa transformação, e combata as artimanhas alienantes do mercado, uma vez que não há como mudar a modernidade líquida em si (BAUMAN, 2004; APPIO, 2014; BARROSO, 2011; DE CASTRO, 2014; BITTENCOURT, 2014).

Destarte, este trabalho tem por objetivo fomentar a reflexão sobre as características e dificuldades das relações amorosas na era da modernidade líquida. Para isso, fez-se necessário esboçar brevemente como o conceito de amor foi compreendido e vivenciado ao longo da história, fazendo um paralelo entre os conceitos de modernidade e amor líquidos e relacionando-os com a forma como as relações amorosas são estabelecidas hoje. Além de, problematizar a ideologia de consumo, tão arraigada na modernidade líquida, dentro do contexto afetivo, debatendo também, os elementos que levaram a dissolução das instituições controladoras da experiência afetiva e sua expressão.

A relevância desta obra manifesta-se na indispensabilidade premente de se questionar o cenário vigente da desumanização do homem e de suas relações que estão cada vez mais frias, mecânicas e cruéis. Configura-se como uma ferramenta no combate à alienação que objetifica o outro, retirando-lhe sua subjetividade e valor, transfigurando-o em um mero produto que pode ser manipulado ao bel-prazer do pretense amante.

Contudo, este trabalho está organizado da seguinte forma: O capítulo inicial intitulado de “Um breve relato histórico sobre o amor”, discorre sobre a conceituação que este sentimento teve ao longo do tempo; o segundo capítulo, “O movimento romântico”, traz dois exemplos do amor romântico presentes nas obras do filósofo Alain De Botton, “O movimento romântico e Ensaio de Amor”; já o terceiro, “Freud e o amor”, apresenta uma sucinta definição do amor para a psicanálise, com ênfase nos preceitos freudianos; o quarto, “O amor na modernidade líquida”, conceitua modernidade e amor líquidos, além de trazer alguns dos fatores de liquefação das instituições que governavam as relações humanas; por fim, o último capítulo, nomeado como “O imperativo do gozo em tempos de amor líquido”, versa sobre a interferência da ideologia do mercado de consumo que gera uma necessidade sempre urgente e infundável de satisfazer-se, não importando as consequências, e também aborda em seu subtítulo uma possibilidade para minimizar ou reverter esse quadro perverso da falta de dignidade e outros valores pertinentes no respeito de si e do outro.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Promover uma reflexão sobre as características e dificuldades das relações amorosas na era da modernidade líquida.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Esboçar brevemente como o conceito de amor foi compreendido e vivenciado ao longo da história;
- Descrever os conceitos de modernidade líquida e amor líquido e relacioná-los com a forma como as relações amorosas se estabelecem na atualidade;
- Apresentar alguns fatores de dissolução das instituições sólidas que norteavam as relações afetivas;
- Problematizar a ideologia de consumo, tão arraigada na modernidade líquida, dentro do contexto amoroso.

3 METODOLOGIA

Este trabalho estrutura-se como uma pesquisa bibliográfica qualitativa explicativa. Em consonância com Gil (2008) e Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica se tipifica pelo exame do arcabouço teórico já publicado, seja por meio escrito e/ou eletrônico. Já a qualitativa é descrita por Gerhardt e Silveira (2009), como sendo aquela que se configura de maneira tal a promover a compreensão de um grupo social, de uma organização ou fenômeno, não necessitando de representatividade numérica para isso. Ainda de acordo com eles, a pesquisa explicativa orienta-se pela procura em identificar os fatores causais ou que de alguma forma influenciam, a ocorrência dos fenômenos estudados.

As pesquisas necessárias à realização deste trabalho tiveram início ao mês de agosto de 2017 e encerram-se no mês de outubro. Através do acesso aos subsequentes bancos de dados: *Scielo*, *Pubmed* e *Google Acadêmico*, além de livros. Para tal, foram utilizados os seguintes descritores: “Amor”; “amor líquido”; “modernidade líquida” e “ideologia de consumo”. Utilizou-se 40 obras para sua construção, 20 artigos, duas monografias, uma dissertação, uma tese, 6 livros e um caderno de psicologia do Conselho Regional de São Paulo.

Aplicou-se como critérios de inclusão as obras que trouxessem uma explanação sobre a origem do amor ou, que explorassem as relações do amor líquido e suas consequências na sociedade atual, deflagrando possíveis fatores causais dessa relação. Foram excluídos todos os artigos que não tivessem foco sobre as relações afetivas e suas influências socioculturais, além daqueles que abordavam o tema fora de uma concepção sócio-histórica ou psicanalítica.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 UM BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE O AMOR

De acordo com Barbosa (2008), a palavra “Amor” tem sua origem no latim, sendo esta grafada da mesma forma que no idioma português atual. Para a autora, essa expressão pode ser traduzida como uma tendência da alma orientada para um indivíduo ou objeto, demarcada pelas características de afetividade, benevolência, carinho, gentileza, desejo, paixão, podendo variar em graus de intensidade em suas formas de manifestação.

Entretanto, ao longo do tempo esse sentimento foi compreendido, desenvolvido e expresso de inúmeras maneiras, sofrendo influência dos ditames socioculturais de cada época. Logo, os sujeitos de recortes cronológicos diferentes possuíam seu próprio jeito de amar, além de terem também, aparatos sociais que davam suporte a esse jeito, legitimando toda uma forma de agir que caracterizava as mais diversas sociedades. Poesias que datam de 1000 a.C., verdadeiras relíquias do Antigo Egito revelam que o amor era retratado como um aniquilamento do eu, que apesar de seus poderes ocultos, era visto sobretudo como tendo similaridade particular com as doenças (GIDDENS, 1993).

Souza (2007) aponta que nas sociedades tribais o crucial era assegurar a sobrevivência, portanto, não havia espaço para o amor. O vínculo entre homens e mulheres era alicerçado nas necessidades referentes à caça e agricultura. A associação amorosa era encarada pela tribo com temor, pois ela representava uma ameaça direta aos seus valores. Portanto, não haviam relacionamentos monogâmicos, não haviam turbulências perante terminos, até porque, em consonância com essa visão, não haveria o que terminar, uma vez que não existia a ideia de pertencimento ao outro; antes de tudo, existia o intercâmbio naturalizado de parceiros sexuais. Brincadeiras sexuais infantis não sofriam interditos, podendo ocorrer o ato sexual precoce. Os adolescentes eram livres para dormir uns com os outros desde que não estivessem apaixonados. Caso isso acontecesse, eles eram terminantemente proibidos de desempenharem qualquer enlace sexual, porque isso seria um ultraje a decência tribal.

Na Grécia Antiga utilizou-se a palavra *Eros* para descrever o amor. Esse termo era usado em homenagem ao deus que simbolizava tal sentimento, filho da deusa Afrodite, análogo ao latim, Cupido. Esta sociedade o entendia como uma força dotada da capacidade de consubstanciar e simetrizar presentes tanto na relação sexual, na amizade e na concórdia política. O verdadeiro amor surgiria da constatação do bem e da beleza, sendo estes valores perenes do homem sábio. Os indivíduos sujeitavam-se as necessidades da *polis*, isto é, existiam mecanismos de subjetivação que levavam os homens a dominar seus desejos para seu próprio bem, mas acima de tudo, para benefício da vida pública (GUEDES e ASSUNÇÃO, 2006; MENEZES, 2007; SOUZA, 2007).

Segundo Platão, Eros dirige a alma como: cupidez (*epithymia*), coragem (*thymos*) e razão (*logos*), fragmentando a alma, tendo cada experiência separada, identificando o que é belo. O *thymos* é o ponto chave que toca o Eros e a política mas, hoje este movimento se atrofia em mero trabalho, despolitizando a sociedade, trocando Eros por sexualidade e pornografia, baseando-se na *epithymia* (HAN, 2017).

Ainda na sociedade grega, a família era concebida como principal instrumento de manutenção da coletividade, e em consequência, a separação era entendida como um infortúnio social. O rompimento do casal poderia ocorrer apenas na observância de duas variáveis: O adultério e a esterilidade, principalmente da mulher (GUEDES e ASSUNÇÃO, 2006; MENEZES, 2007; SOUZA, 2007).

Posteriormente, a doutrina judaico-cristã passa a exercer forte influência sobre o conceito de amor, a qual pregava que o foco de devoção desse sentimento deveria ser voltado primeira e majoritariamente a Deus. Assim, a sexualidade é valorada negativamente por ser um aviltamento ao ideal de pureza ao qual era revestido o amor divino. Ela representava, portanto, o fracasso e o pecado, tornando-se um empecilho ao verdadeiro amor. O sexo só era permitido dentro da união matrimonial e mesmo assim, apenas para fins reprodutivos (GUEDES e ASSUNÇÃO, 2006).

Por conseguinte, casar os fiéis era uma necessidade premente para a Igreja Católica. Nessa lógica, em 1215 o papa Inocêncio III reúne o Concílio de Latrão que foi responsável por construir a legislação que rege o matrimônio e em 1439 o casamento foi sacralizado. No entanto, foi através do Concílio de Florença, no

século VIII que a monogamia se tornou um fator preponderante para essa instituição. Já no século XI a reforma gregoriana determinou que o clérigo deveria abrir mão do sexo, exercendo uma vida celibatária e reforçou que aos casados caberia respeitar o princípio da monogamia. Nenhuma dessas imposições foram seguidas fielmente, e apesar da infidelidade permanecer como uma prática comum, esses ditames encerraram a prática da poligamia no ocidente, ao menos nessa época (PRIORE, 2007).

No século XII passa a vigor a doutrina do amor cortês, tendo sua origem no sul da França. Ela foi criada por trovadores e poetas das cortes nobres. Neste momento, na aristocracia, a mulher é expurgada de seu papel social secundário e é direcionada ao centro da malha social; portanto, o trovadorismo nasceu como um mecanismo de legitimação dessa transformação, glorificando-se a beleza, valores e a dignidade espiritual destas. O sentimento amoroso era passional e espiritual, além de configurar-se em um caso de amor extraconjugal. Essa doutrina questionava a concepção difundida pela igreja e pelo feudalismo do casamento como um negócio, como uma ferramenta que serviria para aumentar a riqueza e o poder do noivo através da aquisição do dote ofertado pela família da noiva. Eles salientavam a importância do vínculo nascido de escolhas individuais, ou seja, esse era um movimento de transgressão dos costumes e normas vigentes (GUEDES e ASSUNÇÃO, 2006; MENEZES, 2007; SOUZA, 2007).

Um documento que exemplifica bem as características do amor cortês está expresso no regulamento elaborado pela Condessa Maria de Champagne, em 1174, onde pode-se destacar, entre outros, os seguintes princípios: a declaração de matrimônio não é uma desculpa verossímil contra o amor; quem não esboça ciúmes não ama; nenhuma pessoa pode dar-se a dois amores; ninguém que não tenha uma razão plausível pode ser privado do direito de amar; o amor difundido é efêmero; o costume de desfrutar de prazeres em excesso não é propício ao amor (SOUZA, 2007).

Alguns especialistas creditam essa fase do enamoramento cortês como o precursor dos ideais do amor romântico, uma vez que ambos dão papel de destaque ao fato de que a verdadeira capacidade de amar nasce de uma escolha livre de cada um dos parceiros em ficar juntos, tal sentimento é pautado pela admiração e respeito recíproco, além disso, compreendem que o amor não é algo banal, tem um lugar de importância na vida das pessoas (SOUZA, 2007).

O amor romântico enquanto movimento literário teve seu início em 1836, sendo o traço predominante deste a idealização do objeto de amor, verdadeiramente adorado como um símbolo de perfeição. Há uma ruptura irreparável com o amor cortês que servia ao propósito de harmonizar o cenário político das casas e linhagens nobres mantendo a credibilidade dos aristocratas. Nessa senda, o romantismo propagou a crença deste sentimento como virtude privada, não sofrendo influências externas, isto é, sem responsabilidade com ideais públicos. Além disso, a ideologia romântica apregoava uma adoração extática dos enamorados e quando os parceiros entravam em contato com a realidade da vivência cotidiana gerava-se frustrações, decepções e toda uma ordem de perturbações oriundas do choque entre aquilo que foi idealizado e a cruel realidade (RÜDIGER, 2013; GUEDES e ASSUNÇÃO, 2006; MENEZES, 2007; SOUZA, 2007).

Destarte, o romantismo herdou do estilo cortesão o repúdio ao conceito de casamento que predominou em outras eras, o da conjunção matrimonial apenas como um acordo político e econômico, entretanto, a igreja ainda atuava intensamente sobre as relações amorosas, marcando uma dissimetria entre homem e mulher. A mulher ainda era vista como inferior ao homem, devotando-lhe total submissão dentro do matrimônio. Assim, a partir do fim da Idade Média, de acordo com a ótica religiosa, a mulher poderia encaixar-se em apenas dois nichos possíveis. O primeiro representando a tentação e o desejo sexual, personificado na figura de Eva, e o segundo, representava a pureza, a castidade e a sacralidade retratada na figura da Virgem Maria. Essa cisão entre o anseio por um amor eterno, ideal, puro e a arte da sedução permitiu o aparecimento daquilo que foi denominado de dupla moral. Essa era uma configuração no bojo das relações afetivas na qual havia a determinação da fidelidade como um princípio a ser seguido para o bem das associações amorosas por meio da exclusividade carnal e espiritual, ao mesmo tempo, era prática comum a obtenção de prazeres sexuais fora do casamento, o que acabava dando ao senso comum o poder de lei social ao afirmar que haviam mulheres dignas para casar e àquelas outras relegadas unicamente ao papel de objeto de prazer para servir ao homem patriarcal (GUEDES e ASSUNÇÃO, 2006; FOWLER, 2007).

Contudo, no século XX o movimento romântico orientado pelas teorias científicas e filosóficas do Realismo fragmenta-se em dois subtipos: o primeiro representa o Idealismo, que é uma vivência emocional que tem por finalidade

proteger o sujeito da solidão, respeitando o outro, marcado pela reciprocidade e almejavam a igualdade entre parceiros. O segundo era intitulado como Realismo e defendia o exame objetivo dos fatos imbricados no envolvimento amoroso, desvelando os dessabores, frustrações, angústias, enfim, revelando todo o lado negativo que antes era ignorado e apresentando a experiência romântica tal como ela era na realidade, trazendo à tona a infidelidade, adultério, e egoísmo. O que importa é o que se vive no aqui agora, seja ele bom ou ruim, e não apenas um conto de fadas que na imaginação até pode ser lindo, mas que na realidade não teria condições de se manter (SOUZA, 2007; MENEZES, 2007).

Em consonância com o que foi exposto, pode-se observar que o amor é uma construção sócio-histórica que sob o atravessamento de inúmeros determinantes sociais e culturais vai moldando formas singulares de entendê-lo e experimentá-lo ao longo das eras. Abaixo, segue-se a análise de duas obras literárias engendradas sob as perspectivas do romantismo.

4.2 O MOVIMENTO ROMÂNTICO

Em seu romance, “O movimento Romântico”, Alain de Botton (1998) narra a história de Alice, uma jovem londrina que almeja sua realização pessoal através do encontro do amor romântico, no entanto, este amor sonhado por ela é algo liberto da monotonia e das imperfeições da realidade. Ela se nega a viver qualquer experiência que esteja abaixo de suas idealizações, aspira encontrar o homem perfeito que iria preencher todas as suas fantasias, tornando sua vida feliz e plena, assim como em um conto de fadas.

Tendo por base os pressupostos de Souza e Terzis (1999), pode-se compreender que Alice faz parte de um fenômeno cultural o qual, através de métodos e recursos midiáticos variados (televisão, internet e outros), há uma universalização da ideia de que a felicidade só é possível por meio da vivência de um grande amor no estilo shakespeariano. A partir deste ideal, passa-se uma vida inteira em busca da complementação amorosa, limitando a existência a uma única possibilidade de satisfação, não se permitindo contentar-se com outras áreas da experiência humana. Esta atitude apresentada pela personagem, passível de reconhecimento da tendência contemporânea perante o amor, pode ser evidenciada pelo seguinte trecho:

Alice sentia náuseas quando pensava no amor em termos tão pragmáticos. Irritava-se quando o sentimento se reduzia a conformar-se com o sujeito disforme com quem se esbarrou por acaso em algum balneário. Recusava a acomodação covarde com o produto defeituoso da sociedade, em nome dos imperativos biológico ou psicológicos mais abjetos. Embora o cotidiano exigisse matizes, embora a transcendência fosse raramente aceita pelos adultos, ela sabia que nunca estaria preparada para aceitar menos do que aquela comunhão de almas, retratada com tanta eloquência por poetas e cineastas no reino encantado da estética. (DE BOTTON, 1998, p.8).

Como visto, é mais do que notório que Alice rejeita a concepção mais pragmática e realista sobre o amor, pois isto seria uma forma de inferiorizar a nobreza de tal sentimento, suprimindo sua capacidade mágica de preencher o coração dos amantes de alegria e de uma satisfação ímpar, jamais alcançada de outra maneira. Como foi exposto no primeiro capítulo deste trabalho, essa é uma característica típica do Romantismo, que se alicerça na idealização do amor perfeito; assim, o amante conquistaria sua integralidade enquanto ser apenas quando encontrasse uma complementação física e espiritual com o amado.

No decorrer do enredo, a personagem encontra-se com Eric, um homem sedutor, carismático, aparentemente autoconfiante, que irradiava uma atmosfera de atração quase irresistível. Eles se conheceram em uma festa e Eric direcionou todo seu encanto a ela, o que culminou, algum tempo depois, num convite para que Alice fosse até o apartamento dele. Tal ato gerou nela um conflito, pois não era habituada a entregar-se assim logo na primeira noite a alguém; porém, ao mesmo tempo, estava completamente enredada por aquele homem extremamente atraente. No fim, ela cede e ambos têm uma noite tórrida de amor. A partir de então, eles começam a se encontrar com certa frequência, mas Eric já deixa claro que gostaria de viver uma relação sem ter a necessidade de rotulá-la como namoro ou de outra forma qualquer. Apesar disso não se coadunar com as crenças de Alice, ela acaba aceitando, o que permite um estreitamento do laço entre o casal.

No começo ela sentia-se extasiada! Ele parecia ser exatamente o que Alice ansiou por tanto tempo. A levava a restaurantes elegantes, comprava-lhe presentes caros, era inteligente, parecia ser o homem ideal. Entretanto, com o passar dos meses, as falhas e defeitos de Eric foram tornando-se visíveis. Ele criticava o quarto de Alice que continha uma profusão de objetos de valor sentimental, porém sem funcionalidade alguma, em contraposição ao apartamento dele que sofreu forte influência da cultura japonesa, a qual ele muito admirava, portanto, era organizado de forma elementar, sendo precisamente ordenado. Assim, sempre que ela deixava alguma peça de roupa jogada em um quarto do apartamento dele, com a desculpa de que ela iria arrumar apenas antes de ir embora, ele rechaçava sua desorganização e verbalizava sua incompreensão de como ela poderia ser tão bagunceira e infantil. Além disso, quando estavam juntos predominava um silêncio abissal que a angustiava, fazendo com que Alice se esforçasse para tentar quebrá-lo, mas Eric respondia o que era solicitado, sem dar muita possibilidade para o desenvolvimento de um assunto. Já em outras ocasiões ele a respondia de forma grosseira, tolhendo-a em suas tentativas de comunicação.

Contudo, parece que a heroína da trama temia o fato de ver o ser amado tal qual ele se apresentava no real, pois isso encerraria a fantasia, quebraria o encanto do sonho e a desolaria com a realidade pura e imperfeita do cotidiano. Por isso, Alice sempre relevava o comportamento rude de Eric, concebia desculpas que justificariam a sua falta de tato com ela. Como ele trabalhava no mercado financeiro, ela creditava o estresse oriundo do seu ambiente profissional como sendo o estopim

para a estupidez do parceiro ou relegava isso a algum possível trauma de infância que o impedia de agir de maneira afável e correta no presente.

Souza e Terzis (1999), ao discutirem sobre as relações amorosas estabelecidas no ambiente da internet, definem o virtual como uma expectativa que ainda não se concretizou, ou seja, são possibilidades não materializadas no momento, não realizadas. Tendo como base essa definição, entende-se que uma relação virtual não fica restrita apenas ao contexto cibernético. Pode-se afirmar que Alice era um exemplo claro disso, pois, pautada em sua insegurança e medo do abandono, ela se agarrava a uma possibilidade da existência de um Eric diferente do real, um Eric que continuava suprimindo suas fantasias e, suas falhas quando ocorriam, eram menosprezadas ou entendidas como uma resposta direta a algum comportamento equivocado dela.

Han (2017) relata que a fantasia e imaginação modificam os anseios de mulheres e homens em relação às propriedades desejadas de seus parceiros, pois a fantasia habita em um espaço indefinido, idealizando o outro, e com tudo vem a decepção e insegurança.

Nesse sentido, pode-se usar os preceitos de Winnicott para explicar a insegurança psicoemocional da personagem Alice. Winnicott concebe que, no prelúdio da vida do bebê, seu psiquismo ainda não se organiza como uma unidade, ou seja, ainda não se estrutura como um estado de integração primária. É somente um aglomerado caótico de fenômenos sensório-motores agregados por mediação do contexto. Neste momento, ele não tem a habilidade de discernir que existe um interior e um exterior; além disso, não consegue se identificar como sendo o mesmo em situações de excitação, privação e dor e nas ocasiões de serenidade e descanso. Constitui-se, assim, como uma simples contiguidade do ser no tempo/espaço que poderá vir a se estruturar subjetivamente, passando a existir. Tal contiguidade é fator elementar para a atualização do potencial herdado, e, também, para instituir a habilidade de experienciar; logo, o sujeito só percebe como real o que for originado pela experiência (SVARTMAN, 2000; MELLO, 2008).

Contudo, compreende-se que apenas quando alicerçado numa continuidade da existência é que o sujeito pode se organizar e usufruir das vivências cotidianas. Para tanto, é preciso garantir a estabilidade do ambiente por meio dos cuidados físicos e afetivos costumeiramente dispendidos ao bebê. A própria ação de pegá-lo e manuseá-lo pode influenciar nos processos de maturação, preservando ou

interrompendo a continuidade do indivíduo, de acordo com a forma como são realizadas (SVARTMAN, 2000; MELLO, 2008).

Nesse sentido, *holding* tem por finalidade promover a função primária de segurança, alcançada pela maneira zelosa com a qual o cuidador se dispõe para dar apoio aos mecanismos de subjetivação. Já *handling* seria o conjunto de precauções adotadas pelo cuidador no manuseio de seu filho. Esses cuidados situam o bebê num tempo e num espaço que são essenciais à sua formação, também, coadunam-se com duas tendências do desenvolvimento, sendo uma delas a assimilação do eu no tempo e no espaço ocasionada pelo *holding*, uma vez que a existência não tem significado fora de uma delimitação espaço-temporal. Esse processo é sustentado através da repetição segura e monótona das tarefas. Através desse contexto, origina-se um tipo de conhecimento embasado em fenômenos repetitivos, dotando o recém-nascido da habilidade de reter memórias, expectar cuidados e cogitar sobre os sentimentos do cuidador. É essa previsibilidade responsável pelo aprendizado dos conceitos de passado, presente e futuro e da constituição do eu como unidade. A outra tendência refere-se à personalização atrelada ao *handling*, que se traduz pela acomodação do psiquismo no corpo.

O limite entre o que é externo e o que é interno seria uma consequência da experiência de tocar a pele do bebê e permitir que ela passe a funcionar como uma fronteira, gerando a sensação de conforto de se estar no próprio corpo. Portanto, as vivências unificadoras vêm do mundo externo, através do suporte que o cuidador oferece, são acrescidas das influências do mundo interior por meio das experiências pulsionais, dos movimentos espontâneos e pela utilização dos sentidos vitais. Outro elemento crucial dessas conquistas do desenvolvimento é que, além de serem interligadas, são também instituídas a partir de idas e vindas da condição de não-integração a situações estruturadas e organizadas, sendo este movimento típico da ideia de uma processualidade.

O conjunto dessas experiências de zelo, alicerçadas pela responsabilidade e amor do cuidador, geram a confiança no ambiente. O recém-nascido passa a crer na segurança de seus mecanismos internos que levam ao seu amadurecimento, visto que os cuidados adaptativos auxiliam tais mecanismos de forma imperceptível, uma vez que ele o cuidador ainda estão fusionados. O ato de suprir a carência de contiguidade pessoal do bebê, atendendo suas necessidades psicoemocionais, dá origem aos seus primeiros vínculos de confiança; por conseguinte, o cuidador o

apresenta e o mantém em um mundo subjetivo criado sob medida para ele, porém, essa apresentação deve sustentar a contiguidade fundamental aos processos de subjetivação a fim de instalar a experiência de confiabilidade (SVARTMAN, 2000; MELLO, 2008).

A percepção objetiva do mundo pelo bebê se dá em função do movimento da mãe de satisfazer suas necessidades ao ponto de levá-lo a acreditar que ele exerce um papel ativo na criação do próprio mundo e isso acontece na margem da apresentação, isto é, o suprimento de uma necessidade torna real a existência dessa própria necessidade, o que acaba dotando-o com o poder de moldar seu ambiente, pois a partir de seus gestos espontâneos suas carências são desveladas e prontamente atendidas, fazendo com que ele se veja como o arquiteto de seu próprio mundo. Sua relação com os objetos subjetivos se tipifica pela exclusão de tudo que se distinga do binômio eu/não-eu, não contendo vestígios de realidade objetiva. Essa relação de sutil contiguidade (no tempo e no espaço), alicerçada pela assistência do cuidador, faz com que ele sinta o ambiente como um prolongamento de si mesmo. Por isso, tal indivíduo deve ser capaz de reconhecer e responder de maneira equilibrada às nuances das necessidades do bebê, de forma a lhe apresentar os objetos de maneira simplificada e moderada, sustentando sua percepção criativa de mundo. Nessa conjectura, o cuidador permite ao recém-nascido ter a ilusão de que a realidade exterior é originada através de sua necessidade e seus sinais espontâneos, condizendo com sua habilidade criadora (MELLO, 2008).

A princípio, o bebê se dispõe a alucinar sua autossuficiência; porém, para efetivar esse potencial criador, o cuidador-ambiente deve responder aos seus gestos de modo espontâneo. Destarte, a função deste sujeito é inseri-lo num mundo subjetivo no qual ele próprio acredita que domina de forma onipotente, de acordo com a sua ilusão de que o suprimento de suas carências ocorre de forma mágica e instantânea. As várias experiências dessa onipotência causam a confiabilidade no meio. A partir disso, se desenvolve a segurança pautada na experiência de que o objeto de desejo pode ser localizado, ou também, de que o ambiente tem o que é preciso. Sendo este o período inicial, o recém-nascido não percebe o outro como um ser a parte, e por isso, não tem conhecimento da existência do cuidador enquanto ambiente, somente sente seus impactos. Contudo, com o passar do tempo adquire convicção da permanência do mundo e dos objetos. Deste modo, mesmo em etapas

subsequentes, quando o sujeito identifica que o mundo já existia antes da invenção de sua versão particular dele, a sensação de que o mundo foi realmente construído por ele permanece. Na verdade, este é um processo recíproco, porque ao mesmo tempo em que o recém-nascido constrói o mundo, o mesmo está criando o bebê (MELLO, 2008).

Em contraposição, o não suprimento das necessidades do recém-nascido nesta fase de dependência absoluta quebra o sentimento de contiguidade da existência, do qual depende a evolução de suas potencialidades subjetivas, ou seja, se os objetos não forem ofertados a ele de maneira que ele tenha a experiência de tê-los criado, mas percebe-se invadido por objetos estranhos ao seu mundo antes que tenha capacidade de compreender o sentido da externalidade, isso gera um trauma, pois ele ainda não têm mecanismos suficientes para representar e nem maturidade para assimilá-los como uma experiência pessoal, padecendo com os efeitos da falta de confiança no ambiente. Nesta senda, o trauma é oriundo do sentimento de descontinuidade súbita, percebido como um prenúncio de destruição subjetiva, levando o ser a experimentar angústias dantes impensáveis, geradas pela falta de comedimento e suporte do cuidador. Perante essa angústia, o bebê responde objetivando reestabelecer o equilíbrio e a segurança do ambiente, mesmo que para isso precise abdicar de sua própria percepção de contiguidade. Constitui-se como uma tentativa de sanar a falta de cuidados, visto que o sentimento de existência do cuidador se dissipa, assim como o período de espera, de suportabilidade e de esperança de harmonização (MELLO, 2008).

Em seu livro “O brincar e a realidade”, Winnicott estabelece que:

O sentimento [para o bebê] de que a mãe existe dura x minutos. Se a mãe ficar distante mais do que X minutos, então a imago se esmaece e, juntamente com ela, cessa a capacidade do bebê utilizar o símbolo da união. O bebê fica aflito, mas essa aflição é logo corrigida, pois a mãe retorna em XY minutos. Em XY minutos, o bebê não se alterou. Em XYZ minutos, o bebê ficou traumatizado (WINNICOTT, 1975, p. 136).

Para o autor, quando o bebê está na fase de dependência absoluta, período este em que o bebê não “existe” porque a validação de sua existência só se dá pela relação instituída pela díade mãe(cuidador)/bebê, o lactante necessita que a mãe ou o cuidador interprete suas necessidades, sanando-as. Sua sobrevivência depende de que o cuidador lhe ofereça um ambiente propício ao seu desenvolvimento,

porém, isso não se limita apenas as demandas físicas de alimentação, higiene e outros cuidados. Refere-se também há um investimento emocional, a um acolhimento caloroso e afetivo. Portanto, a partir do momento que as necessidades dele não são atendidas, há uma ruptura do sentimento de continuidade da existência, que afetará a formação de suas potencialidades subjetivas. Isso se dá pelo adiantamento ou ausência do cuidador em apresentar o mundo ao lactante, isto é, existe uma falha na interpretação dos gestos espontâneos do bebê que evocariam uma carência a ser atendida; mediante isso, há uma imposição dos gestos próprios daquele que cuida, e um desrespeito dos desejos e limites do dependente (MELLO, 2008; WINNICOTT, 1975; ESTEVES e BORGES, 2007).

Destarte, para o desenvolvimento saudável da confiabilidade do bebê é crucial haver um equilíbrio da presença e ausência, da ilusão e desilusão, o que permitiria a ele diferenciar-se e desbravar o mundo que o cerca. Nessa perspectiva, De Botton deixa claro que a mãe de Alice não disponibilizou esse equilíbrio a ela. Ele qualificou a personagem como sendo o bebê que espera o retorno da mãe em XYZ minutos, maculando a sua confiança no ambiente. Em determinado ponto do livro, a mãe de Alice justifica sua negligência dizendo que ela e o pai desejavam que a mesma crescesse logo, pois eles queriam manter um diálogo complexo e racional com ela. Eles menosprezaram a fase infantil, esperando suprir suas próprias necessidades e desejos quando ela atingisse a maturidade. Acrescido a esse fato, tem-se que durante a infância dela, por causa do trabalho do pai, toda vez que ela estabelecia um vínculo com alguém importante, ela era obrigada a se mudar. Tanto é que o autor deixa evidente que Alice não tinha um sentimento de pertencimento, ela não se sentia londrina, nem se identificava como pertencendo a qualquer outro grupo. Essas variáveis permitem entender a necessidade que ela tinha em agradar aos outros, em detrimento de suas próprias necessidades. Sua insegurança e medo de ser abandonada justificavam sua subserviência. Era como se ela tivesse que dar tudo de si para deixar o outro confortável, fazendo com que ela fosse vista e desejada como alguém a se ter por perto.

Já Eric foi criado por uma mãe extremamente castradora, que invadia seus limites, fazendo-lhe sentir-se sufocado e frustrado com as suas imposições. Porém, ele era seduzido pela imagem de seu pai, que era um homem autoritário e a única pessoa capaz de fazer aquela figura materna imponente e austera curvar-se humildemente perante seus desejos. Em sua idade adulta, ele projetava em seus

relacionamentos essa imagem paterna, o que fazia com que ele nunca deixasse claro para Alice o que ele realmente sentia por ela, ao passo que, quando ele era rude com ela, após algum tempo ele justificava seu comportamento dizendo que ele era assim mesmo e que não sabia como ela aguentava permanecer ao seu lado. Eric fazia um jogo no qual ao mesmo tempo em que ele afastava Alice através de suas grosserias, ele a acalentava, como se quisesse afirmar inconscientemente, que se ela quisesse ficar com ele, ela deveria reconhecer e aceitar o seu poder na relação.

Segundo De Botton (1998), o poder nas relações amorosas é definido pela habilidade de ser indiferente perante a verbalização afetiva e gentil do parceiro, sendo o mais forte aquele que é capaz de não criar expectativas referentes ao outro e ao enlace amoroso, não sendo dominado por uma carência e precisão do objeto de desejo. Com base nisso, fica evidente o poder exercido por Eric sobre Alice. Ele nunca a deixava numa posição confortável na qual ela teria certeza de seu amor. Ela vivia oscilações de sentimento e fatos que ora corroboravam o afeto dele por ela e ora evidenciavam uma resistência ou desinteresse por parte dele.

Em consonância com Souza e Terzis (1999), a felicidade poderia ser definida como o período que antecede o gozo, ou seja, a felicidade reside na espera pelo gozo, sendo que ela se dissipa no momento em que este é estabelecido. Contudo, no caso de Alice, essa espera, por ser muito extensa, passou a gerar um estado latente de angústia. Ela sempre ansiava que Eric revelasse seus sentimentos, e isso nunca acontecia. Inicialmente, ela conseguiu ignorar isso, mas com o passar do tempo essa delonga tornou-se excruciante. E é nesse cenário em que aparece Phillip, representando o outro vértice desse triângulo amoroso. A função dele foi de evidenciar ainda mais a insatisfação de Alice em sua relação com Eric, mostrando-lhe os perigos de sobreviver em uma zona de conforto, de perde-se em uma relação assimétrica e disfuncional como a que ela tinha. Foi através desse despertar que Alice finalmente tem a coragem de terminar seu envolvimento com Eric e parte em uma busca de autoconhecimento, pois ela percebe o erro de se depositar suas expectativas de realização exclusivamente sobre o outro, estando certa de que, para ter um enlace amoroso saudável e feliz, seria preciso primeiro olhar à si mesma com coragem e amor para trabalhar suas incertezas e inseguranças, e finalmente, dar a si e ao outro a oportunidade de amar, valorizando a si e ao outro.

4.2.1 Ensaaios de Amor

Em “Ensaaios de Amor” (1997), De Botton lança luz sobre a maneira pela qual o homem vivencia o enlace amoroso. O autor, em momento algum, revela o nome de seu personagem principal, no entanto, mergulha profundamente em seu psiquismo, no âmago de suas emoções, para traduzir ao leitor as suas inseguranças, medos, anseios e sonhos. Portanto, já nas primeiras páginas é traçado o percurso que servirá de norte para todas as discussões e reflexões apresentadas no livro, o encontro amoroso entre o protagonista e Chloe. Destino? Mera coincidência? Ou a manifestação inconsciente de um determinante sócio-histórico na forma pela qual o amor romântico é compreendido e vivenciado?

É durante uma viagem de avião que o protagonista de De Botton se apaixona por Chloe. Na verdade, eles começam a conversar sobre banalidades e ele se percebe, ao longo do tempo, encantado pela fresta entre os dentes da frente dela. O que para muitos poderia representar um defeito estético, para ele era algo de um charme extraordinário, algo que o inspirava. É nesse movimento de achar uma beleza peculiar no outro e na euforia de debater sobre pontos em comum, que, antes mesmo do avião pousar, ele já havia identificado a presença de um sentimento que inicialmente fica temeroso em nomear de amor, mas o seu desejo é mais forte do que a razão.

Ambos continuaram a conversar até o momento de irem pegar as malas no aeroporto de Londres e, ao se despedirem, Chloe pergunta se ele queria o número do celular dela. Contudo, ele responde que não seria necessário, pois já havia decorado o número que estava pregado em sua bagagem. Destarte, o futuro dessa relação passou a depender da capacidade de sua memória, o que revelou ser um grande problema, uma vez que ao tentar entrar em contato com Chloe, notou que havia esquecido uma parcela dos números. Depois de arriscar a sorte algumas vezes, ele finalmente consegue ligar para o escritório dela e a convida para saírem juntos, mas Chloe diz que isso seria impossível naquele momento porque ela estava muito ocupada com o trabalho, porém ela ligaria para ele assim que surgisse uma oportunidade.

Todavia, ela demorou para retornar à ligação, conduzindo o protagonista a uma angústia intensa, marcada pela ansiedade e desespero pela amada, ao mesmo tempo, em que ficava inseguro de que ela não estava na mesma sintonia que ele,

que ela poderia não desejá-lo da mesma maneira. Mas Chloe telefona e eles marcam de ir a um museu juntos. O passeio foi agradável, porém, cada gesto dela era interpretado por ele ora como uma comprovação do interesse dela, ora como um sinal de desinteresse. O seu comportamento girava em torno da pergunta “Será que ela me deseja também?”

Em seu segundo encontro, eles vão jantar e durante todo o tempo o protagonista tenta ser uma tela em branco que se ajustaria de acordo com os gostos e preferências da amada. Ele temia se revelar tal como ele era e frustrar sua possibilidade de conquistá-la. Tanto é que na hora da sobremesa ela comenta que teve um namorado que odiava chocolate, motivo que foi apresentado como suficiente para o término do namoro. Ele, entretanto, tinha uma certa alergia a tal produto, mas para não correr o risco de perdê-la, disse que amava essa iguaria, terminando por se empanturrar com um bolo de chocolate que lhe causaria certo incômodo naquela mesma noite.

Ao fim do jantar, ele a levou para a casa dela onde ia se despedir sem tentar uma maior aproximação, apesar de seu desejo. Contudo, o efeito do chocolate se pronunciara, forçando-o a pedir-lhe que o deixasse usar o seu banheiro. Posteriormente, quando ele ia ir embora de fato, ela diz que ambos não eram mais crianças, beijando-lhe. Os dois terminam a noite na cama, onde vivenciam um intenso momento de amor e luxúria.

Um ponto relevante levantado por De Botton nesse livro, é a ideia do destino amoroso: seu protagonista recusa-se a acreditar que o seu amor por Chloe foi uma mera coincidência. Então, assim como a maioria dos enamorados, ele passa a acreditar que as coisas que eles têm em comum são um sinal de que o destino conspirou ao favor desse encontro. Ele questiona que, diante de tamanha sacralidade do amor, seria realmente prudente relegar isso ao acaso? - como pode ser exemplificado no seguinte trecho:

O anseio por um destino não é em nenhuma parte mais forte do que em nossa vida romântica. Por tantas vezes forçados a dividir nossa cama com aqueles que não têm acesso à nossa alma, não podemos ser perdoados se acreditarmos (contrariamente a todas as regras de nossa era iluminada) que estamos destinados a um dia encontrar o homem ou a mulher de nossos sonhos? Não podemos ser perdoados por uma certa fé supersticiosa numa criatura que será a solução de nossos anseios incansáveis? E, embora nossas preces possam nunca ser atendidas, embora possa não haver fim ao ciclo deprimente da incompreensão mútua, se os céus tiverem pena de nós, então podemos realmente esperar atribuir o encontro com esse

príncipe ou princesa a uma mera coincidência? Ou não podemos por uma vez fugir à censura racional e interpretar isso como nada além de uma parte inevitável de nosso destino romântico? (DE BOTTON, 1997, p.7).

Nesse sentido, Costa (1998) afirma que o conceito de destino do amor é alimentado pela ideologia do romantismo sentimental, sendo que o sucesso desta é alicerçado por dois pilares principais: o primeiro, refere-se a crença na existência compulsória entre sexualidade e amor; já o segundo, pauta-se na ideia de que para o desenvolvimento psíquico adequado há uma fase obrigatória de enamoramento romântico. Porém, esse tipo de vínculo é historicamente construído e incitado. Seria através da cultura que o ser humano sofreria uma influência para inequivocamente encarar o amor desta forma, a fim de que o sentimento amoroso seria algo independente do desejo sexual.

Ainda segundo este autor, o romantismo amoroso é uma regra de constituição da identidade psíquica advindo do social e teve como justificativa o seguinte tripé causal; 1) legitimava a origem da família nuclear e os efeitos sócioafetivos decorrentes, tais como a responsabilização pelas crianças, a submissão das mulheres à maternidade, a transformação dos homens em pais, além de que fomentava a distinção entre heterossexuais e homossexuais, entre outras; 2) propiciou a autonomia e independência burguesa e utilitarista frente às inclinações grupais das linhagens e casas aristocráticas; 3) possibilitou ao burguês recém criado uma nova vivência extática físico-sentimental, em detrimento do êxtase religioso, das guerras e violências e dos rituais orgiásticos de outras eras. O amor romântico é o fascínio endêmico do período burguês, que sofreu forte influência do cristianismo, principalmente, ligado aos ideais puritanos.

O êxtase do amor romântico pode ser evidenciado pela seguinte citação de “Ensaio de amor”:

Em nossos momentos mais idealistas, imaginamos o amor romântico como sendo próximo do amor cristão, uma emoção universal que declara “Eu te amarei por tudo que você é”, um amor que não tem condições, que não traça limites, que adora todo par de sapatos recém-comprado, que é a encarnação da aceitação. Mas os argumentos que cercam os amantes são um lembrete de que o amor cristão não sobrevive bem à transição para o quarto. Sua mensagem parece mais talhada para o universal que o particular, para o amor de todos os homens por todas as mulheres, para o amor de dois vizinhos que irão ouvir o ronco um do outro (DE BOTTON, 1997, p.80).

Nesta senda, o desejo de encontrar o príncipe/princesa encantado e viver o amor ideal, o amor que tudo sofre e tudo suporta não é algo que emana de uma necessidade humana, não é inerente ao psiquismo. É uma construção social. Logo, é só mais um dos possíveis modelos de se experimentar esse sentimento. Entretanto, há um imperativo de que o sujeito só pode alcançar a felicidade e autorrealização através do amor romântico, o que leva a uma busca incessante, urgente do outro ideal. De acordo com Costa (1998), desde a invenção da teoria do narcisismo, Freud passou a compreender o amor como um sentimento provado por aqueles que deslocam na figura do ser amado a imagem da mãe que alimenta ou do pai que protege, dando origem ao *amor anaclítico* ou *por apoio*. Outra forma, seria aquela na qual o indivíduo projeta sua própria imagem no objeto de afeto, isto é, o *amor narcísico*. Essa última maneira foi encarada como inferior, imatura e egoísta ao ser comparada ao amor por apoio, que era taxado de superior, altruísta e realmente direcionado ao outro. Mais tarde, Freud percebeu que mesmo o amor pela mãe e pelo pai era narcísico, pois a criança os amava porque eles amam a criança.

Esta urgência da busca pelo eu ideal torna-se evidente nos seguintes fragmentos:

Na miragem do oásis, o homem sedento imagina que vê água, palmeiras e sombra não porque tem evidências dessa crença, mas porque tem necessidade dela. Necessidades desesperadas trazem com elas alucinações de sua solução: o sedento tem alucinações com água, a necessidade de amor provoca alucinações com o homem ou a mulher ideal (DE BOTTON, 1997, p.113).

Reconheci nela a mulher que havia procurado de modo desajeitado por toda a minha vida, um ser cujas qualidades haviam sido prenunciadas em meus sonhos, cujo sorriso e cujos olhos, cujo senso de humor e gosto literário, cujas ansiedades e inteligência se encaixavam perfeitamente em meu ideal (DE BOTTON, 1997, p.11).

Essa ideologia do amor romântico alimenta um sentimento de incompletude no sujeito, gerando uma carência latente por encontrar a sua outra metade que o realizará de uma forma que qualquer outra coisa seria insuficiente em fazer. Esse sentimento é quase que uma materialização do mito da androgenia de Platão, no qual ele descreve que no início dos tempos o corpo humano abrigava dois seres em sua composição, homem e mulher. Isso fazia com que fossem extremamente poderosos e arrogantes, então, Zeus, temeroso com o poder de tais seres, decide dividi-los com um raio. A partir de então, todo indivíduo tenderia a buscar a sua outra

metade, para que assim, ambos se tornassem um. Uma unidade perfeita e inigualável.

Diante dessa falta, o sujeito passa a idealizar o seu amado/a, passa a projetar nesse invólucro, que ainda está vazio, seus sonhos, desejos, necessidades, ou seja, passa a depositar ali uma parte de si mesmo. Como pode ser expresso no fragmento de De Botton “Mas só podemos nos apaixonar sem conhecer por quem nos apaixonamos. O movimento inicial está necessariamente fundamentado na ignorância” (1997, p. 22). Isso é que permite a projeção sobre o outro, que até o momento é apenas um espaço em branco. Quando o conhecimento se instaura também vai se propiciando a quebra das idealizações, revelando os conflitos nascidos daquilo que foi dispendido sobre o objeto real. Logo, o indivíduo não se apaixonaria pelo outro por si mesmo, mas pela ideia de completude que ele experimentará ao encontrar a pessoa com a qual ele possa dizer o tão alucinado “eu te amo”.

De tal modo, o protagonista de “Ensaio de amor” acreditava ter encontrado em Chloe o seu outro ideal, a sua princesa com a qual ele viveria feliz para sempre. Assim, a partir daquela tórrida noite de amor, eles se transformaram em um casal de fato. Passaram a experimentar as incertezas, os medos, os prazeres e dissabores que só quem está apaixonado poderia vivenciar. Tiveram suas briguinhas por motivos fúteis (um sapato que ela comprara achando lindo e ele achou horrível, por exemplo), conheceram a família de origem de ambos para assim, aumentar o conhecimento que tinham um do outro, foram a jantares com amigos, enfim, desfrutaram de todas as possibilidades que um casal pode desfrutar. Até que chegou em um ponto da relação em que ele percebeu que Chloe estava diferente, que ela estava fugidia, que suas contrações durante o gozo não eram mais as mesmas.

Ele fez de tudo para tentar saber a razão dessa mudança repentina, para que ele pudesse fazer algo para consertar essa situação que era extremamente angustiante para ele, entretanto, toda vez que tentava conversar com ela para saber a origem do problema ela se mostrava arredia e fazia de tudo para sair do assunto. Posteriormente a inúmeras tentativas, ele é finalmente surpreendido com a confissão de Chloe de que ela estava tendo um caso com o colega de trabalho dele, confissão que impõe irremediavelmente a realidade cruel da finitude de seu tão almejado “felizes para sempre”. Como ele poderia viver agora? Como poderia

imaginar o resto de seus dias sem a sua amada? A vida parecia vazia, sem esperança.

É percebido no movimento do consumo do romantismo que o amor teria se “feminizado” com adjetivos do tipo, doce, gentil, suave, entre outros que são descritos em cenas de amor, em livros, peças teatrais etc., adjetivos estes completamente femininos, mas que o personagem principal do livro adere em sua essência, presenciando cada detalhe dos momentos e sentimentos bons e da melancolia, sentimentos vividos por mulheres apenas por muito tempo no contexto histórico de movimento de relações afetivas. Pode-se dizer que o amor hoje em dia é feminilizado, domesticado numa fórmula de consumo desprovida de risco e ousadia (HAN, 2017).

Portanto, o personagem entra em uma espiral de sofrimento. Sua dor era tamanha que chegou a pensar em suicídio, na medida que tal ato também serviria como uma vingança, ao fazer os seus algozes sofrerem ao descobrirem que eram a razão de sua morte. No entanto, quando ele percebe que isso seria uma tolice, pois ele não mais estaria entre os vivos para poder saborear a angústia por ele causada em seus carrascos, ele desiste e se abre ao triste fardo de que terá de reaprender a viver sem seu objeto de desejo.

É engajado nessa tarefa hercúlea que o personagem descreve a dor inicial de frequentar os mesmos lugares que frequentavam antes enquanto casal, de participar dos mesmos ciclos de amizades, até chegar-se ao ponto de que essa dor vai se esvaindo, anulando-se. E assim, sente-se apto a formar novas memórias, experimentar outras coisas com pessoas diferentes nos lugares dantes, vivenciando novamente a arriscada empreitada de apaixonar-se, de encontrar sua princesa do “felizes para sempre” do agora, desse período da vida que pode ser efêmero ou um pouco mais duradouro, mas sempre com a possibilidade imanente de finitude.

4.3 FREUD E O AMOR

Em conformidade com o que afirma Ferreira (2004), desejar requer, inicialmente, o reconhecimento do próprio desejo e, posteriormente, faz-se necessário que as partes que não se realizaram sejam redirecionadas a novos objetivos. Assim, o amor articula-se ao desejo. Porém, a partir do momento que o amado é ansiado como uma metade faltante, sendo esta necessária para alcançar a plenitude do ser, àquele que ama é reservado um destino cruel, mergulhado em um mar de desilusão sem fim.

Neste sentido, amar pressupõe a existência de dois componentes: o sujeito (amante) e o objeto (amado). O amante é movido por um sentimento de falta. Ele não entende o que lhe falta, só sabe que alguma coisa que deveria estar presente não está. No entanto, o objeto de amor é idealizado como sendo o portador daquilo que falta em si, porém, aí instaura-se uma contradição, uma vez que o que falta ao amante também não está presente no ser amado. Essa ausência nunca pode ser sanada porque o que falta é o objeto do desejo. Isso não significa que não exista uma variedade enorme de objetos capazes de despertar desejos, apenas revela que é impossível ao ser humano achar um objeto último que conduziria a sentimentos de plenitude e felicidade inigualáveis, fazendo com que nada mais faltasse. Em última instância, o desejo nunca pode ser realizado por completo, o homem foi abençoado/amaldiçoado como um eterno desejante, sendo o amor relegado à ordem do não-todo. (FERREIRA, 2004).

O amor não extirpa a falta, uma vez que ela é componente constituinte do aparelho psíquico (subjetividade), e muito menos apazigua as inquietações externas do homem. Assim, amar está ligado ao desejo perante a falta e não pela satisfação sexual. Ambos são coisas distintas, porém, não são necessariamente excludentes. No anseio sexual o outro é apreendido enquanto objeto, já o romance envolve a idealização de um ser que é visto como o possuidor de uma riqueza interior admirável. Contudo, o desejo é elemento integrante do psiquismo humano, o amor não. Ele e os seus mitos são invenções criadas na tentativa de o homem reagir a uma ausência radical circunscrita em sua estrutura subjetiva. São a lei e o interdito os responsáveis por inscrever a falta no psiquismo. Nesse sentido, o desejo é indestrutível e invariante, sendo sempre o mesmo, deslocando-se sucessivamente

de um objeto ao outro. Ao amor foi relegado à tarefa impossível de suprir essa falta que nunca cessa (FERREIRA, 2004).

Souza (2007) aponta que Freud descreve que, quando os indivíduos amam, eles percebem o outro como uma parcela de seu próprio ego, remetendo a sua origem a forma anaclítica ou narcísica, como foi descrito anteriormente. Já no livro “Sobre o Narcisismo: uma introdução”, Freud referenda o amor como uma repetição, onde o sujeito busca reconhecer no parceiro as maneiras infantis de amar, sendo este sentimento demarcado pela ilusão, e esta, expressão da convicção de que o desejo (sempre na ordem do psíquico), possa se realizar na concretude.

Já no texto “O Futuro de uma ilusão” (1927/1974c), amar é concebido como um mecanismo que tenta compensar a necessidade de proteção. O amado poderia fomentar uma sensação de completude narcísica, não castrada, preservada e sustentada, ou, por outro lado, pode levar a uma descontinuidade nessa identidade, provocando um sentimento de desamparo (FERREIRA, 2004; SOUZA, 2007; PINHEIRO e ANDRADE, 2004).

A paixão, para Freud, posiciona o seu objeto no espaço do eu ideal, ou seja, esse sentimento é fruto da projeção do eu narcísico no outro, por isso, as dissimetrias entre o casal são minimizadas, dando a pseudo-sensação de inteireza. Por outro lado, o sentimento amoroso também idealiza o amado, porém tudo isso ocorre na dimensão do ideal do eu, isto é, uma idealização narcísica incorporada às prerrogativas e atravessamentos coletivos. O ideal do eu é incumbido de disponibilizar modelos que foram interiorizados com base nos exemplos paternos ou de outras pessoas importantes que serviram como protótipo comportamental e subjetivo ao sujeito (FERREIRA, 2004; SOUZA, 2007; PINHEIRO e ANDRADE, 2004).

O homem ama com base em seus próprios registros de prazer, entretanto, como já foi observado, o amor é incapaz de sanar a falta constitucional, incapaz de diluir o sofrimento engendrado ao sujeito e que é originário de três fatores causais: o corpo (aflige o indivíduo perante a constatação de sua degeneração gradual e pela vivência de determinados sentimentos perturbadores), o ambiente (representando as incertezas oriundas de forças destrutivas e agressoras) e as relações humanas (convívio interpessoal com a família, com parceiros sexuais, entre outros) (FERREIRA, 2004; SOUZA, 2007; PINHEIRO e ANDRADE, 2004).

Posteriormente, em “O Mal-estar na Civilização” (1930/1974), é defendido que o amor tem sua gênese em uma pulsão sexual que se transformaria em diferentes formas de amor, deslocando sua função genital, não demandando exclusividade. Na segunda teoria pulsional, tal sentimento e a sexualidade são atribuídos como expressão da pulsão vital, que intencionaria uma expansão do indivíduo enquanto ser humano, orientado por aspectos construtivos e pelo principal elemento desta pulsão que seria seu princípio de ligação. Finalmente, em “Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa dos Tempos Modernos” (1908/1974), Freud aponta que a moral da cultura evoca perturbações no psiquismo e sobre sexualidade, ao mesmo tempo, que a pulsão também não possibilita sua satisfação plena, total. Sexualidade é desprovida de um objeto singular porque o objeto que promove o desejo está há muito perdido. A frustração pulsional também pode ser fruto de eventos infantis e pelo problema de adequar-se o objeto da pulsão com os exemplos de amor culturalmente aceitos e impostos (FERREIRA, 2004; SOUZA, 2007; BESERRA, REIS e MONTEIRO, 2018; PINHEIRO e ANDRADE, 2004).

Contudo, apesar dos diferentes posicionamentos de Freud sobre o amor ao longo de suas obras, posicionamentos esses que não são excludentes, pelo menos em sua maioria, mas sim, complementares, percebe-se que a característica mais marcante desse sentimento é sua impossibilidade de realização, é essa falta que corrói o peito dos amantes e que nunca pode ser aplacada, pois não existe o objeto último do desejo que acalmaria as angústias existenciais do homem, completando-o, fazendo-o feliz *ad aeternum*. Assim, amar é perseguir um prêmio que jamais pode ser conquistado e o lugar mais próximo que se pode chegar desse prêmio é delimitado pela dubiedade do prazer e da angústia, isto é, a vivência desse sentimento é sempre marcada por sabores e dessabores, glórias e infortúnios, o que rende belíssimas obras de arte que enaltecem o amor, essa dor inebriante que ilude os enamorados e os faz suspirar de desejo.

4.4 O AMOR NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Como já debatido anteriormente, o amor e a maneira como o ser humano reage a este sentimento tão peculiar e relevante passou por diversas metamorfoses ao longo do tempo. Essas transformações impactaram diretamente a forma de organização das culturas, a estruturação das sociedades primavas e contemporâneas. Assim, faz-se crucial refletir sobre como este sentimento é compreendido agora, mas, que *agora* é esse? Será que houve uma mudança muito drástica em relação ao período anterior (Romantismo)? Se houve, quais os elementos que levaram a isso? São esses os questionamentos que nortearão o desenvolvimento deste trabalho a partir de agora.

Em seu livro “Modernidade Líquida” (2001), Bauman começa definindo as propriedades dos sólidos e dos líquidos para fazer uma analogia ao tempo atual (modernidade líquida) e a era anterior (modernidade). Logo, ele enfatiza que a característica fundamental dos líquidos é a falta de um formato último: não possuem forma, eles se adaptam ao receptáculo que os armazena, por isso, eles não apreendem o espaço e nem aprisionam o tempo. Ao contrário dos sólidos que, ao possuírem delimitações espaciais bem definidas, transformam o impacto do tempo em algo irrisório, revelando sua insignificância, os fluidos estão sempre aptos a se adequar a uma nova configuração, uma nova roupagem, portanto, o que lhes é crucial não é o espaço que deverão preencher, mas sim, o tempo. A modernidade líquida se faz presente numa sucessão infindável de instantes.

Nesse sentido, a modernidade líquida (contemporaneidade) tipifica-se por um derretimento maciço dos sólidos que antes compunham a sociedade, ou seja, tem-se o aniquilamento das forças institucionais hegemônicas que dantes ditavam o desenvolvimento e manutenção da malha social. No entanto, Bauman alerta que isso não é algo que aconteceu e continua acontecendo somente agora. Esse movimento de liquefação das instituições é antigo. Ele relata que desde a publicação do manifesto comunista em 1848, escrito por Karl Marx e Friedrich Engels já haviam sinais desse movimento; porém, nessa época o que se pretendia era destruir os sólidos disformes e falhos, uma vez que eles enrijeceriam a sociedade a tal ponto que dificultavam as mudanças que eram exigidas por aquele momento histórico, de modo que os autores em questão propunham substituí-los por novos, mais

adequados, perfeitos, e portanto, insubstituíveis (BARROSO, 2011; BAUMAN, 2001).

Tal pressuposto pode ser evidenciado pelo seguinte fragmento:

Os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas. Para poder construir seriamente uma nova ordem (verdadeiramente sólida!) era necessário primeiro livrar-se do entulho com que a velha ordem sobrecarregava os construtores. “Derreter os sólidos” significava, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações “irrelevantes” que impediam a via do cálculo racional dos efeitos; como dizia Max Weber, libertar a empresa de negócios dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e da densa trama das obrigações éticas; ou, como preferiria Thomas Carlyle, dentre os vários laços subjacentes às responsabilidades humanas mútuas, deixar restar somente o “nexo dinheiro”. (BAUMAN, 2001, pag.7)

A modernidade sólida objetivou substituir instituições ultrapassadas tais quais o teocentrismo, o comunitarismo, os meios de produção oriundos do feudalismo, a tradição e todos os outros elementos que remetiam a um passado rígido que sedimentava a liberdade dos atores humanos. Com isso, abriu-se espaço para incursão e subsequente soberania do poder econômico que ganhou *status* de superestrutura, passando a governar todos os âmbitos da vida social. A liquefação ocasionou uma gradual liberação da força econômica de seus agrilhoamentos políticos, éticos e culturais. Assim, a nova ordem era concebida como um sólido quase perfeito porque era indiferente a qualquer desafio que lhe era imposto, a não ser que tal fosse de natureza econômica. A principal motivação aqui era erigir uma sociedade completamente pautada pela segurança, repleta de edificações que representavam uma honraria ao poder e à ambição, edificações estas que deveriam ser inabaláveis. O ideal de ordem, limpeza e pureza eram as principais ferramentas utilizadas a fim de se alcançar o tão almejado controle, eficiência e segurança (BAUMAN, 2001; BARROSO, 2011).

A modernidade líquida tem seu início a partir do final da década de 1980 e começo da década de 1990. Logo antes, o capitalismo havia tido seu apogeu que ocorreu posteriormente ao fim da II Guerra Mundial, e o período que compreendeu a gênese da contemporaneidade líquida havia sido marcado por sucessivas crises causadas por oscilações econômicas que levaram ao aumento substancial do desemprego, depressões financeiras cíclicas e progressivas diferenças sociais. Essa

nova ordem, ao sobrepujar as instituições centralizadoras de outrora, representava o fim do ideal de que uma configuração social que permitisse o domínio futuro fosse tangível. Além disso, efemerizou as relações humanas em todos os âmbitos possíveis e, se na solidez a pilastra definidora era a busca por segurança, na liquidez o crucial é garantir a liberdade, ou pseudoliberdade, individual a qualquer custo (BAUMAN, 2001; BARROSO, 2011).

As técnicas mantenedoras da contemporaneidade são a velocidade, fuga e passividade. O bem mais precioso dessa época não é algo que seja grandioso e pesado, é algo leve, que pode ser carregado sem dificuldades e que permite um controle exercido à distância. As tecnologias de informação permitem que o poder seja imposto de forma destituída da territorialidade, ou seja, a parcela dominante da sociedade não precisa estar presente para exercer sua autoridade: basta ter em mãos celulares de última geração, computadores ultrafinos e potentes para isso; o espaço não é limitante como era no passado. A realidade virtual derrubou as fronteiras e uma das principais características do controle é exatamente a indisponibilidade física daquele que o exerce. O que fica claro na citação seguinte, na fala de Bauman:

O poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico — e assim o tempo requerido para o movimento de seus ingredientes essenciais se reduziu à instantaneidade. Em termos práticos, o poder se tornou verdadeiramente extraterritorial, não mais limitado, nem mesmo desacelerado, pela resistência do espaço (o advento do telefone celular serve bem como “golpe de misericórdia” simbólico na dependência em relação ao espaço: o próprio acesso a um ponto telefônico não é mais necessário para que uma ordem seja dada e cumprida. Não importa mais onde está quem dá a ordem — a diferença entre “próximo” e “distante”, ou entre o espaço selvagem e o civilizado e ordenado, está a ponto de desaparecer) (BAUMAN, 2001, pag.11-12).

É nesta senda que a contemporaneidade se caracteriza como uma era de desengajamento, uma vez que não há a necessidade de se responsabilizar com as consequências oriundas das relações entre líderes e liderados, capital e trabalho. Como não é preciso estar presente para governar, o controle é mantido de maneira cada vez mais fria, asséptica, gerando assim, uma desumanização das relações. A elite da modernidade líquida domina sem precisar gastar tempo e capital administrando, gerenciando, promovendo o bem-estar daqueles que são governados, não se preocupa em civilizá-los, promover uma polidez sociocultural ou

promover agentes éticos e morais. O engajamento com as problemáticas da sociedade é menosprezado, como pode ser visto:

[...] desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga. Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado. Os poderes globais se inclinam a dismantelar tais redes em proveito de sua contínua e crescente fluidez, principal fonte de sua força e garantia de sua invencibilidade. E são esse derrocar, a fragilidade, o quebradiço, o imediato dos laços e redes humanos que permitem que esses poderes operem (BAUMAN, 2001, pag.14).

Antigamente, a solidez da modernidade era mantida com o foco do capital na produção industrial, cujos maiores exemplos de sucesso são o Fordismo e o Taylorismo, sistemas que objetivavam a racionalização máxima do trabalho, levando ao aumento exponencial da produção e lucro. Já a liquidez é sustentada hoje pela flexibilização, leveza, e instantaneidade do mercado de consumo. Sordi (2016) define sociedade de consumo como uma forma de organização constituída a partir do verbo “adquirir”, por meio do qual os indivíduos, para terem sua existência validada, precisam consumir ininterruptamente, sem conscientizar-se dos excessos decorrentes desta prática.

De acordo com Appio (2014), Barroso (2011) e Bittencourt (2014), os efeitos da transição da sociedade de produção para a de consumo impactaram diretamente o contexto social, político e econômico, além de afetar também os meios de subjetivação. O mercado investe maciçamente no controle e modificação de símbolos que favoreçam as ideologias consumistas. A partir disso, criam-se uma infinidade de produtos cada vez mais leves, portáteis e fugazes, produzidos em série e sem nenhum elemento capaz de diferenciá-los, a mídia os atrelam sempre à ideia de felicidade, levando os indivíduos a desejarem não aquele produto específico, mas, a ideia de completude e bem-estar com a qual ele é vendido. Porém, aquisição de tal objeto não significa a aquisição dos ideais atrelados a ele; logo, o gozo é algo sempre a realizar-se na próxima compra, gerando uma necessidade infundável de consumir todos os bens disponibilizados pelo mercado. Esta voracidade influencia as relações interpessoais, que assistem passivamente a invaginação “das marcas” na subjetividade. Destarte, essa conjectura evoca um declínio dos valores humanos, pois os sujeitos são transformados em simplórios consumidores alienados,

supostamente detentores de direitos civis, que enxergam as relações humanas como um produto qualquer, atribuindo-lhes certa fragilidade, superficialidade e efemeridade típicas desse modelo.

É neste contexto de debilidade dos vínculos afetivos que Bauman (2004) elabora o conceito de amor líquido. Este nasce de uma capciosa ambiguidade: o desespero que o sujeito líquido tem de ligar-se ao outro, ao mesmo tempo que teme a natureza dessa conexão que não pode ser duradoura, porque se assim o fosse, ele poderia perder a oportunidade de vivenciar uma futura experiência amorosa ímpar ou pior ainda, poderia aprisioná-lo em uma relação que ao depender emocionalmente do outro, mesmo que um pouco, macularia sua tão amada e respeitada liberdade e autonomia individual. Assim como expressa-se no texto subsequente:

Será que os habitantes de nosso líquido mundo moderno não são exatamente como os de Leônia, preocupados com uma coisa e falando de outra? Eles garantem que seu desejo, paixão, objetivo ou sonho é “relacionar-se”, mas será que na verdade não estão preocupados principalmente em evitar que suas relações acabem congeladas e coaguladas? Estão mesmo procurando relacionamentos duradouros, como dizem, ou seu maior desejo é que eles sejam leves e frouxos, de tal modo que, como as riquezas de Richard Baxter, que “caíam sobre os ombros como um manto leve” possam “ser postos de lado a qualquer momento”? Afinal, que tipo de conselho eles querem de verdade: como estabelecer um relacionamento ou — só por precaução — como rompê-lo sem dor e com a consciência limpa? (BAUMAN, 2004, pag.11)

Nessa ótica impregnada pelo mercado de consumo, os laços amorosos tornam-se facilmente descartáveis, ou seja, a relação se mantém enquanto as necessidades de um indivíduo são satisfeitas, e, no primeiro obstáculo, na primeira contenda, troca-se de parceiro. Desta feita, o amor líquido não é formado por vínculos fortes e reais, porque mal se dá tempo para isso acontecer. Ele é composto por conexões. Estas são frouxamente constituídas para que possam ser encerradas com facilidade, sem grandes conflitos ou questionamentos. Não é à toa que Bauman (2004) define como sua principal característica a sua capacidade de desconectar, de romper, sem que isso represente qualquer dor emocional no sujeito. Para exemplificar essa característica angular do amor líquido se esboça o seguinte trecho:

Diferentemente dos “relacionamentos reais” é fácil entrar e sair dos “relacionamentos virtuais”. Em comparação com a “coisa autêntica”,

pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear. Entrevistado a respeito da crescente popularidade do namoro pela Internet, em detrimento dos bares para solteiros e das seções especializadas dos jornais e revistas, um jovem de 28 anos da Universidade de Bath apontou uma vantagem decisiva da relação eletrônica: “Sempre se pode apertar a tecla de deletar”. (BAUMAN, 2004, pag.12)

Nesta senda, as conexões amorosas carecem de profundidade e estímulo para que o sujeito se fixe em um único parceiro por um período considerável e estável, por isso, é imperativo desfazer-se do amor como entendido anteriormente, aderindo a relacionamentos breves, alicerçados na visão sempre iminente do fim, no encadeamento com relacionamentos sucessivos, dotando o amar e a quem se ama de uma celeridade sempre voltada a alcançar algo que nunca se alcança. Tais experiências são progressivamente exauridas de suas significâncias psicológicas e emocionais, ocasionando uma negação da alteridade. Os relacionamentos de bolso carregam em si os estigmas da fluidez, velocidade e formação dissoluta, instrumentos esses que são tão caros aos amores típicos da contemporaneidade líquida (BAUMAN, 2004; BESERRA, REIS e MONTEIRO, 2018; BITTENCOURT, 2014).

Bauman, equipara o amar ao morrer, uma vez que ninguém se prepara para eles, não se aprende a fazê-los, eles simplesmente aconteceriam. Portanto, essa troca constante de parceiros pautada pelos fundamentos da sociedade de consumo desvela a tentativa de o indivíduo aprender, criar um arcabouço teórico e de experiências sobre o amar que o permitiriam tornar-se um *expert* no assunto, evitando sofrimentos e delongas desnecessárias. No entanto, amor e morte são inesperados, fortuitos, aleatórios, relegados ao acaso. Para vivenciá-los, bastaria estar presente no mundo, e no caso do amor, estar disponível e disposto a encontrar um outro de maneira a se permitir consumir-se nesse amor (BAUMAN, 2004; BESERRA, REIS e MONTEIRO, 2018).

Contudo, os relacionamentos hoje obedecem a lógica da obsolescência programada. Esta é a estratégia empregada pelo mercado onde as empresas estabelecem um período de vida útil aos seus produtos para que tenham durabilidade inferior ao que a tecnologia atualmente permite. No caso dos enlaces afetivos, esse período de bom funcionamento é colocado ao fim quando aparecem as primeiras brigas, quando o outro passa a retardar as satisfações desejadas. É nesse momento que o indivíduo se defronta com realidade de que não possui uma

relação pronta, perfeita, capaz de lhe tornar pleno, mas que o que tem é algo que precisa ser construído, trabalhado, que se faz necessário que ambos os parceiros se debruçam sobre os problemas para o bem-estar do casal. Perante essa constatação, o sujeito abandona esse parceiro falho e busca um outro que se adeque mais as suas exigências momentâneas. O engajamento nessa lógica é contraproducente (BAUMAN, 2004; SORDI, 2016; BESERRA, REIS e MONTEIRO, 2018).

Além disso, os avanços tecnológicos dispõem ao homem uma infinidade de estímulos que o interceptam através da facilidade da comunicação e das desigualdades sociais. Conseqüentemente, envolver-se em uma complexa jornada amorosa transforma-se em uma ilusão dificultada pela grande diversidade de opções e escolhas que são impostas ao sujeito, por isso, acaba-se objetificando o amor e o próprio ser humano, retirando seus valores inerentes. Todo esse contexto acaba promovendo um crescente sentimento de insegurança e ansiedade que marcam os enlaces amorosos. Entretanto, será que as ideologias do mercado de consumo são as únicas coisas que influenciam os relacionamentos na atualidade? Quais seriam os outros possíveis fatores imbricados nessa nova ordem do amor líquido? Na próxima seção, tentar-se-á responder essas questões, assim como compor um quadro dinâmico dos elementos importantes na dissolução das instituições seculares que atuavam na área afetiva.

4.4.1 Fatores de liquefação componentes do Amor Líquido

Sem sombras de dúvidas a ideologia do mercado de consumo é um dos elementos primordiais na forma de experienciar esse amor, que é líquido, mas anteriormente, haviam instituições que exerciam rígido controle sobre a maneira que as pessoas amavam e como se comportavam perante esse sentimento, sendo as mais importantes: o casamento, a família, o patriarcalismo. Esta última era o elo que ligava as outras e esse modo de funcionamento ditava toda a configuração social de eras anteriores. Esses três pilares sólidos norteavam as questões afetivas de maneira austera, no entanto, não era de se esperar que eles passassem incólumes pela modernidade líquida. Sendo assim, cabe-nos formular explicitamente a questão: quais foram os fatores desencadeantes desse processo de liquefação dos sólidos que regiam o contexto amoroso?

A fim de se responder essa pergunta, evoca-se as reflexões de Costa (1998), Barbosa (2008), Priore (2007), Zordan e Falcke (2010), que apontam as transformações na família, na forma de vivenciar o pudor, a vergonha, a repressão sexual, no respeito pela intimidade, na sacralidade do casamento, no objetivo da reprodução humana, na desigualdade entre homens e mulheres no tocante à liberdade sexual como fatores de dissolução dos sólidos hegemônicos de outrora. Essas modificações ganharam vida através da inserção da mulher no mercado de trabalho, dos movimentos feministas, homossexuais e hippie, que colocaram em xeque os modelos sociais pautados na repressão sexual e na figura do homem como centro, como portador de um poder regulamentador da sociedade. Como pode ser evidenciado a seguir.

4.4.1.2 Casamento

Em consonância com Priore (2007), durante mais de quinhentos anos os matrimônios não eram regidos por amor ou muito menos, envolviam, *a priori*, qualquer tipo de atração sexual. A função dos casamentos para as elites eram de aumentar o poder econômico e político. Já para a parcela pobre da população, sua finalidade estava atrelada à necessidade de organizar o árduo trabalho agrário. O labor era tão exaustivamente realizado que consumia a perspectiva de se explorar as possibilidades afetivas entre os parceiros, tanto o é que a troca de beijos e carícias eram raridades. Isto porque as relações não tinham por objetivo propiciar prazer ao casal, de modo que não era necessário desfrutar da companhia do outro.¹

1 Embora possamos encontrar já no “Cântico dos cânticos” - que ocupa o quarto livro da terceira seção da bíblia hebraica, sendo inserido também no Antigo Testamento da bíblia cristã – uma referência à celebração do amor sexual entre homem e mulher, pode-se antever na interpretação judaica uma alegoria da relação entre Javé e o povo de Israel, ao contrário de uma alusão à sexualidade carnal entre os amantes (Sweeney, Marvin A. (2011). *Tanak: A Theological and Critical Introduction to the Jewish Bible*. [S.l.]: Fortress Press.). Uma interpretação cristã concebe, todavia, além da metáfora da relação de Cristo com a sua “noiva”, a Igreja, também a interpretação literal (Norris, Richard Alfred (2003). *The Song of Songs: Interpreted by Early Christian and Medieval Commentators*). Mas a respeito desta interpretação literal, poder-se-ia entrever que só passaria a vigor na medida em que as recomendações amorosas são necessárias, ou seja, na ausência de uma relação carnal erotizada entre os casais. E se os casamentos eram constituídos, em sua maioria, por meio de acordos familiares e alianças tribais/sociais, o afeto poderia inexistir entre o

O acordo matrimonial era apenas uma forma de garantir a reprodução da espécie e garantir a manutenção da linhagem familiar; para isso, não era imperativo que o sexo tivesse uma natureza íntima ou amigável. Havia uma negação ao vínculo e a intimidade, bem como existia também uma valorização da privacidade. O ato sexual não nascido do desejo, não permeado pela afetividade, configurava-se mais como um ato masturbatório do que uma expressão de amor. Tal ocorria porque temia-se a presença de tal sentimento no matrimônio, pois a este era creditada à capacidade de subverter o propósito desta instituição, desequilibrando a transferência do patrimônio, ferindo a garantia de acordos e podendo ocasionar a inversão de poderes.

Com o advento do cristianismo, há uma exacerbação da dissimetria entre homem e mulher. Ao situar o homem como a figura representante da autoridade e poder a qual a mulher deveria honrar, respeitar e nunca questionar, legitimou-se a ideologia do patriarcado. Esta foi definida por Barreto (2004) como uma estrutura tipificada pela dominação masculina sobre a mulher, os filhos e acerca de todo o ambiente familiar – uma estrutura que se refletia na composição da sociedade, nos meios de produção e consumo, na política, legislação e cultura, gerando relacionamentos e personalidades caracterizados pela subjugação e violência.

Entre os séculos XV e XIX, período que marca a transição do amor cortês para o amor romântico, passou-se a introduzir a ideia de que as uniões deveriam se pautar no sentimento amoroso. Portanto, sua presença justificava-se a partir do momento em que impunha ao casal a consciência da importância da procriação e educação da prole de acordo com os princípios religiosos. Também se tinha o propósito de tornar o matrimônio como um paliativo ao pecado, combatendo a fornicação. Além disso, favorecia e auxiliava na boa convivência do casal: os parceiros prestariam apoio mútuo, dando conforto nos momentos em que precisassem. O sexo extraconjugal continuava sendo praticado e, ao mesmo tempo, o casamento configurava-se como um desejo universal.

casal, e daí a necessidade de sua recomendação sagrada, que permitiria o usufruto de prazeres mútuos.

Já na modernidade líquida, que elenca que os vínculos duradouros são desejados e ao mesmo tempo temidos, essa configuração se transformou radicalmente. Os casamentos hoje são marcados por uma grande variedade de padrões de conjugalidade, englobando casais com vínculo matrimonial legal, perpassando aos modelos de coabitação temporária ou definitiva. Nesse sentido, a contemporaneidade promoveu uma transformação dos costumes, fundamentalmente nos estratos sociais médios e altos oriundos dos grandes centros urbanos. Isto fica evidente no livre exercício da sexualidade (tanto para o homem, quanto para a mulher, que não precisam estar dentro de um enlace amoroso estável para isso), da extensa aceitação do divórcio e da maternidade voluntária, além das novas formas de conjugalidade (BAUMAN, 2004; ZORDAN e FALCKE, 2010).

A coabitação passa a ganhar peso de instituição social com reconhecimento legal quanto ao compartilhamento e acesso aos bens, direitos mútuos, etc. A título de exemplo, a relação estável entre heterossexuais no Brasil é reconhecida como entidade familiar desde 1988 através da Constituição Federal, igualando-se ao matrimônio. Portanto, na modernidade líquida existem menos pressões sociais acerca do casamento. De acordo com Zordan e Falcke (2010), pesquisas brasileiras têm revelado que as famílias nacionais são demarcadas pela existência simultânea de valores tradicionais (divisão de poderes pautadas no patriarcalismo) com elementos da contemporaneidade (influenciados pela ideologia individualista), evocando conflitos dentro deste contexto. Ainda assim, nota-se a hegemonia de interesses individuais e o enaltecimento de conjugalidade relacionais, onde há predomínio da autonomia, independência, individualidade e liberdade. Nesta senda, não foram somente as expectativas quanto ao matrimônio que tiveram baixa na atualidade, também há transformações nas relações de poder entre homens e mulheres, levando a uma instabilidade do paradigma da masculinidade tradicional, além de produzir relações de gênero mais flexibilizadas provenientes da busca de igualdade de direitos e ao respeito às dissimetrias.

4.4.1.3 Feminismo e a inserção da mulher no mercado de trabalho

Teykal e Rocha-Coutinho (2007) apontam que os Movimentos Feministas tiveram sua origem na década de 1960 e objetivaram a desnaturalização dos lócus identitários homem e mulher, questionando os papéis de gênero atribuídos pelo

social em múltiplos meios, tais quais na família, na sexualidade, na divisão sexual do trabalho público e doméstico e muito mais. Tais questionamentos, juntamente com o aumento das necessidades de consumo, tiveram como consequência a entrada dela no mercado de trabalho, reestruturando o espaço público e privado que tiveram que se adaptar a essa mulher empoderada, assalariada e dona de si.

A mulher pobre sempre teve que trabalhar para ajudar a sustentar a família, no entanto, é no final da década de 1960 e início da década de 1970 que as mulheres das classes médias e altas vem conquistando um espaço cada vez maior no ambiente trabalhista público remunerado, ambiente este que era exclusivamente dominado pelos homens. Assim, elas foram gradativamente galgando lugares de poder e influência nos mais variados espaços profissionais, quase alcançando a igualdade com os homens no mercado de trabalho (TEYKAL e ROCHA-COUTINHO, 2007).

Esse movimento impactou sobremaneira os relacionamentos e o modelo de família. Representou um ataque letal ao patriarcado, uma vez que dotou a mulher de um poder que antes pertencia somente ao homem. Ela passou a ocupar lugares que antes eram só deles. O homem sempre teve acesso aos espaços públicos sem nenhum esforço. Eles podiam fazer tudo o que queriam, eram livres para exercer sua sexualidade, ao menos os homens heterossexuais, mas a mulher era reprimida e inferiorizada. Isso é minimizado através da luta feminista e da conquista do mercado trabalhista. A mulher passou a chefiar empresas e a sua família, liquefazendo a ideologia predominante (TEYKAL e ROCHA-COUTINHO, 2007; SOUZA, 2007).

Nesse momento, não é apenas o patriarcado que é posto em xeque, mas também, o mito da masculinidade. É por meio deste, que o homem tem a ilusão de que lhe é destinado um poder singular que o tornaria especial, entretanto, nega-lhes esse poder ao igualá-los uns aos outros. O mito da masculinidade traz grandes perturbações, pois não basta reconhecer-se enquanto homem ou mulher, tem-se obrigatoriamente que autenticar seu sexo biológico pautada em uma identidade atrelada ao papel sexual. Desta forma, eles qualificam a si próprios e aos outros com base em princípios desta masculinidade. No princípio, a força física é o que distingue os “machos alfas” do restante, posteriormente, essa distinção é mensurada pela capacidade de conquista tanto do dinheiro quanto do público feminino. Quanto mais lhe é atribuída a imagem de “garanhão”, mais há um sentimento de que se é

um verdadeiro homem. Era essa disputa que o atrelava ao sistema falido do patriarcado e a vitória neste âmbito lhe garantia os louros do reconhecimento, mantendo certos benefícios decorrentes disso (SOUZA, 2007).

Por intermédio desse mito os homens perdem autonomia ao buscar se igualar. Qualquer característica que destoe minimamente do ideal defendido é representando como uma agressão a sua masculinidade, inferiorizando-o em relação aos outros. Nessa conjectura, há um automatismo no comportamento masculino. Existe um imperativo que cobra deles reagir de certa forma perante controles codificados, isso acaba dificultando trocas emocionais, por exemplo, porque o homem não demonstra aquilo que sente, antes reage da maneira a reafirmar o mito (SOUZA, 2007).

O amor romântico requisitava ao homem que cumprisse seu papel dentro do mito da masculinidade. Ele teria que representar a figura que carrega consigo todo poder, o chefe de família, o trabalhador bem-sucedido, o símbolo de sedução que faria todas as mulheres suspirarem rendidas aos seus encantos. Deveria ser cavalheiro e isto significava que precisaria proteger uma donzela sempre indefesa, uma mulher dependente de seu príncipe para tornar-se completa. Contudo, qual seria o papel do homem na modernidade líquida? Modernidade esta que traz uma mulher independente, autônoma, forte e que não mais precisa de um homem para defendê-la e validá-la (SOUZA, 2007; BARBOSA, 2008).

Destarte, perante essa mulher competente e que expressa sua sexualidade de forma livre, o homem sente-se ameaçado, inseguro. Ele não sabe como reagir a essa nova mulher que não mais representa uma recompensa a ser conquistada em suas disputas de masculinidade. Assim, a mulher que não age de forma a validar uma pretensa fragilidade feminina que precisa ser protegida pelo herói, é aviltada e agredida. Não é possível para ela ser ela mesma e agradar aos homens (SOUZA, 2007).

A mulher que se nega a exercer o papel que tradicionalmente lhe era imposto tem sua sexualidade anulada pelos homens, que agora, passam a desacreditar sua competência e eficiência. Ela então não têm sua existência legitimada aos olhos deles. Essa nova relação entre homem e mulher impacta negativamente os desdobramentos amorosos. Contudo, não é a mulher que deve abandonar sua autonomia, domesticar-se para que o parceiro se sinta confortável. Cabe ao homem sair de sua zona de conforto, abandonar o mito da masculinidade que não lhe cabe

mais, não o beneficia de forma alguma, buscando posicionar-se enquanto ser político, objetivando esclarecer para si mesmo quem é ele na atualidade, o que ele quer e como ele deseja atuar. Cabe a ele galgar sua autonomia nesse contexto caótico em que as relações humanas se encontram (SOUZA, 2007; BARBOSA, 2008).

4.4.1.4 Movimento Hippie

O movimento Hippie nasceu em São Francisco, Estados Unidos, no final da década de 1960, sob forte influência do movimento *Flower Power*, durante a guerra do Vietnã. É tipificado como um movimento de contracultura, no qual as expressões estético-corporais desprezavam os padrões estabelecidos. Cabelos e barbas compridas, roupas coloridas, velhas ou reaproveitadas, um exagero de acessórios e adereços caracterizam uma afronta a estética sempre alinhada e ordenada que comportava signos de nichos específicos da sociedade, ou seja, esse modo de ser e agir questionava identidades raciais, de gênero, o nacionalismo, a estratificação das classes e a própria política. Assim, o movimento traduzia-se em um ato vanguardista, pois colocava os costumes dominantes em xeque, por exemplo, o uso do cabelo comprido pelos homens confrontava-se com a imagem do homem heterossexual imposta e aceita até então (SOUSA e FONSECA, 2009; KAMINSKI, 2016).

Os hippies também tinham como foco a liberdade sexual, desejava-se a alforria do corpo, física e sexualmente, em contraposição ao puritanismo cristão. Esse desejo materializava-se como um dos maiores desacatos à moral religiosa e a família. É nesse sentido que o movimento hippie é um importante elemento de liquefação das estruturas sólidas que dominavam o corpo, a sexualidade a forma de se relacionar, tudo isso expresso de forma resumida na máxima “Paz e amor” (SOUSA e FONSECA, 2009; KAMINSKI, 2016; PRIORE, 2007).

4.4.1.5 Movimento Homossexual

A retomada da luta pelos direitos dos homossexuais no período posterior a II Guerra Mundial teve como apogeu o que ficou conhecido como a Revolta de

Stonewall, bar situado em Greenwich Village, um bairro de New York. Esse bar era frequentado pelo público gay que era frequentemente abordado pela polícia, até que em 28 de junho de 1969 eles decidiram revidar e resistir as investidas nada sutis do poder policial. Esse é o marco simbólico do pontapé inicial em prol da liberação gay, sendo este dia comemorado internacionalmente como o Dia do Orgulho Gay. Esse movimento defendeu o direito ao livre usufruto da sexualidade, a dissolução dos padrões concebidos sobre a sexualidade, levando ao questionamento e posterior minimização das barreiras do masculino/feminino (SANTOS e NEVES, 2015; FACCHINI, 2011).

Em consonância com Facchini (2011), juntamente com o feminismo e o movimento negro, o movimento homossexual possuía proposições de modificações para a sociedade como um todo, no sentido de aniquilar vários tipos de hierarquias sociais, especialmente aqueles tangíveis à sexualidade ao gênero. Questionavam os modos de sujeição dos sujeitos às práxis de uma sociedade sexista, misógina e machista, criando espaços onde a diversidade sexual poderia ser afirmada.

Portanto, torna-se notório que esses movimentos e os anteriormente citados (muitos outros também) promoveram transformações nos papéis sexuais e de gênero, influenciaram a livre expressão da sexualidade e modificaram relacionamentos que antes eram enraizados na lógica patriarcal, o que alterou o conceito e a importância do matrimônio na contemporaneidade, ou seja, foram responsáveis pelo derretimento dos sólidos que serviam modelos fechados para orientar a formação identitária dos cidadãos da modernidade sólida. Trazendo à luz maneiras totalmente novas de amar e relacionar-se.

4.5 O IMPERATIVO DO GOZO EM TEMPOS DE AMOR LÍQUIDO

Como visto no capítulo “Freud e o amor”, esse sentimento é uma fábula criada com o desígnio de tentar suprir uma falta primordial inscrita no inconsciente, por isso, tal sentimento seria tão idealizado, levando o sujeito a acreditar que através de sua vivência haverá finalmente uma sensação de plenitude e júbilo. A mídia é uma das principais armas de subjugação das massas, pois permite que os indivíduos absorvam ideologias sem nem perceber, passando a reproduzi-las de maneira automática. Com base nisso, o conceito de amor ideal como identificado à felicidade total foi capturado por ela e difundido em todas as suas variações, sendo nas novelas, séries, propagandas, livros, e muitos outros meios mediados pela internet. Todo esse cenário se desenha alicerçado pela lógica do insaciável mercado de consumo. No livro “Amor Líquido”, o autor traz o seguinte apontamento:

De fato, contudo (como se seguissemos a regra de Martin Heidegger de que as coisas só se revelam à consciência por meio da frustração que provocam — fracassando, desaparecendo, comportando-se de forma inadequada ou negando sua natureza de alguma outra forma), hoje em dia as atenções humanas tendem a se concentrar nas satisfações que esperamos obter das relações precisamente porque, de alguma forma, estas não têm sido consideradas plena e verdadeiramente satisfatórias. (BAUMAN, 2004, pag.10)

Esse trecho pode ser utilizado para exemplificar o fato de que a mídia universaliza o ideal de que o ser humano só pode ser verdadeiramente feliz através do amor. No entanto, a modernidade líquida corroeu a durabilidade das relações que existiam nos enlances amorosos típicos do período romântico, assim como outros princípios que validavam o amor enquanto algo a ser conquistado e mantido. Logo, quando o sujeito se conecta a outro, na atualidade, na primeira quebra da idealização lançada sobre o objeto de amor, desconecta-se, encerra o envolvimento afetivo com este - mas não é preciso se preocupar com o amor perdido, uma vez que o próximo objeto será aquele que corresponderá às expectativas e anseios do amante. Entretanto, mais uma vez, o sujeito se frustra, preso a um *loop* infinito que gera apenas frustração, decepção, ansiedade, insegurança e depressão. Tal processo corrobora a crescente desvalorização das relações e do outro. O outro vai perdendo seu caráter de humano e se tornando um objeto, uma coisa que a partir do momento que não se presta à vontade do amante é lançado fora sem nenhum

remorso, afinal, ele não era uma pessoa dotada de singularidade: existem milhões similares ou até melhores que esse modelo ultrapassado e defeituoso (BAUMAN, 2004; APPIO, 2014; BARROSO, 2011; DE CASTRO, 2014; BITTENCOURT, 2014).

Nessa perspectiva, Appio (2014) refere que a modernidade líquida é marcada pelo imperativo do gozo. Nesta sociedade é crucial que o indivíduo goze, não importando as consequências, não importando os meios para que isso se realize. Aos outros é delegada apenas uma função: desempenhar o papel inanimado de objeto que garanta o regozijo do cidadão líquido.

Para compreender as uniões amorosas nessa conjectura faz-se necessário desvelar a distinção que Bauman (2004) faz sobre o amor, desejo e impulso. Para ele, o desejo nasce de uma diferença, sendo este um rompante de vingança ao desprezo e constrangimento gerado pela alteridade que revela cruelmente um espaço que deve ser preenchido, pois a diferença assim o estimula a agir, uma vez que seduz com a ideia de um território ainda desconhecido, de um prazer não desfrutado. O desejo objetiva, portanto, o aniquilamento da diferença, experimentando-a, examinando-a, retirando-a de seu lugar singular e a colocando no espaço comum. O desejo é, em sua natureza, um impulso de destruição.

Em contrapartida, o amor representa o zelo, o intuito de salvaguardar e proteger o objeto cuidado. É uma força que motiva a ampliar-se, a explorar as fronteiras, conquistando o que está lá fora. É um movimento de absolver o sujeito no objeto e não o contrário, na medida em que amar é colaborar com o mundo, doar-se em cada ação para o outro, promover a auto sobrevivência por meio da alteridade. É saber equilibrar os momentos nos quais é preciso se colocar à disposição, servir e esperar com aqueles em que é exigido expropriar-se e assumir a responsabilidade. O autor descreve o impulso num exemplo baseado no mercado de consumo, pois ele é o que hoje governa tanto o capitalismo quanto as relações afetivas, como se pode observar:

É como num *shopping*: os consumidores hoje não compram para satisfazer um desejo, como observou Harvie Ferguson — compram por impulso. Semear, cultivar e alimentar o desejo leva tempo (um tempo insuportavelmente prolongado para os padrões de uma cultura que tem pavor em postergar, preferindo a "satisfação instantânea"). O desejo precisa de tempo para germinar, crescer e amadurecer. Numa época em que o "longo prazo" é cada vez mais curto, ainda assim a velocidade de maturação do desejo resiste de modo obstinado à aceleração. O tempo necessário para o investimento no cultivo do desejo dar lucros parece cada

vez mais longo — irritante e insustentavelmente longo. (BAUMAN, 2004, pag. 21)

O impulso é o combustível da celeridade presente na sociedade atual, permitindo que os cidadãos se transfigurem em viciados em instantaneidades e a consequência mais cruel desse movimento é a objetificação do outro que é despojado de sua humanidade. Segundo Appio (2014), o supereu seria a instância psíquica responsável por impedir que essa situação se concretizasse, pois introjetaria nos sujeitos a lei e a interdição. Todavia, ainda em consonância com o autor, essa instância agora passa a requerer o gozo a todo custo, não sendo menos exigente na obediência dessa nova ordem, ou seja, ele precisa se abastecer de prazeres constantes, até o momento em que será tragado pela própria morte que tanto teme.

Barroso (2011) diz que na modernidade sólida o homem, para garantir a sua segurança (pedra angular desse período), concordava em abnegar parte de sua satisfação. Essa cessação parcial das pulsões era fator preponderante para o desenvolvimento da cultura e da coletividade, ao preço do gasto de energia psíquica e possível adoecimento do indivíduo. O gozo, entendido como uma recompensa que viria por meio do adiamento pulsional, também era usado para aumentar ainda mais essa espera, mantendo os sujeitos em seus postos de produção. Já na atualidade líquida o sujeito está disposto a privar-se de parte da sua segurança em prol de sua liberdade. Atrasar a satisfação pulsional não é mais tido como uma virtude moral. A incerteza que reina absoluta no agora determina que qualquer possibilidade ignorada é uma oportunidade perdida, podendo levar a ruína.

Portanto, o capitalismo hodierno criou uma nova ética instaurada no gozo em forma-mercadoria, sendo o símbolo máximo dessa ordem recente o cartão de crédito, que imediatiza o prazer. Não é mais preciso esperar para satisfazer os impulsos consumistas. E se anteriormente o capitalismo se valia da repressão sexual para se manter, hoje ele se enraizou na ideia de permissividade sexual no comércio corporal, atrelando valor libidinal ao mercado, isto é, nessa economia pulsional a sexualidade foi absolvida pelo capital a fim de estimular o indivíduo a configurar sua maneira de gozo através das inúmeras possibilidades do uso do sexo. Tal manipulação da energia sexual teve como efeito a submissão do homem, falsamente satisfeito com o sistema normativo como um todo, immobilizando sua capacidade de contestação. Esse regime instigou uma transformação no mecanismo

de organização do supereu, onde os métodos de socialização não mais se atrelam a repressão sexual, antes disso, exigem a satisfação irrestrita (APPIO, 2014; BARROSO, 2011; BITTENCOURT, 2014).

Nesta vereda, o lucro é uma consequência óbvia porque a satisfação pulsional nos objetos é inalcançável. Assim, para ser apreciar breves momentos de felicidade é preciso comprar, comprar e comprar. É preciso não se penalizar perante o término de conexões amorosas e engatar uma relação logo em seguida à outra. Afinal, é preciso gozar. Gozar para ser feliz! Gozar para existir! Existem consequências? Esta conjectura composta pelo amor líquido e pelo supereu de gozo tem por resultado a constituição de sujeitos cada vez mais ansiosos e depressivos. Como explicado por Appio:

Ambas as psicopatologias colocam em cena a incapacidade do sujeito em sustentar sua escolha pelo objeto, pois se o mesmo não pode se estruturar, é a própria imagem de si que se desfaz. Desta forma, ansiedade e depressão podem ser vistos como sintomas diretamente resultantes da introjeção de um supereu que ordena uma injunção de gozo tão forte e incondicional que toda tentativa de realização efetiva será necessariamente um fracasso. (APPIO, 2014, pag.197)

É a ansiedade e a insegurança que dominam os relacionamentos hoje. Relacionamento esses que se configuram essencialmente no virtual pela facilidade já mencionada de desconectar-se dos outros com facilidade e de modo indolor, mas também porque falta ao sujeito habilidades sociais para interagir com seus semelhantes na concretude do mundo real. Tal qual é explanado perfeitamente pela fala de Bittencourt (2014), no seguinte fragmento:

Na “pureza” do mundo virtual, em que o indivíduo vive com a mentalidade de consumidor, em um ritmo psicológico concebido em função do instante, é urgente fazer com que os jovens descubram as contradições da realidade e o condicionamento do poder dominante (o mercado) sobre eles. Esse é o “amor” com seguro total: você obterá o poder de consumir o amor, mas terá tudo tão bem preservado, previamente selecionado seu parceiro, teclando via Internet no conforto do quarto, sem que se desenvolva o senso de responsabilidade perante o rosto do outro, pois falta dignidade existencial para lhe observar face a face. O desgaste decorrente da relação interpessoal é suprimido com um clique no botão do computador. Os ditos “relacionamentos virtuais” ainda que reais, são assépticos e descartáveis, e não exigem o compromisso efetivo de nenhuma das partes pretensamente envolvidas nessa interação eletrônica mediada pela tela do computador. (BITTENCOURT, 2014, pag. 68)

Assim, o padrão psicológico dos sujeitos líquidos é fruto de uma aprendizagem cultural equivocada, norteada por satisfações instantâneas e no consumo desregrado, selvagem. Evocando nos mesmos, vulnerabilidades afetivas, hesitações sobre si diante do outro e a ausência da importância do engajamento no enlace amoroso. Destarte, há a constituição de uma geração de patetas alienados que não possuem identidade política e que desconhecem o poder que tem de modificar os ditames da sociedade atual (BITTENCOURT, 2014).

4.5.1 Ainda existe esperança?

Para tentar responder a essa pergunta, esse subtópico terá como alicerce o livro “História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres”, do autor Michel Foucault (1998), buscando traçar um paralelo entre a forma como a moral era entendida e exercida na Era Clássica e uma possível replicação dessa ferramenta na modernidade líquida, visando o retorno da dignidade dos seres humanos em suas relações consigo e com o outro.

Não se pretende utilizar tal obra aqui para meramente apresentar dados históricos, mas sim, promover a reflexão do modelo de moral que estruturava a sociedade da Antiga Grécia e questionar se esse mesmo modelo, ou similar, poderia ser empregado na tentativa de ordenar o cenário caótico da vivência do amor líquido. Cada época é marcada por pontos positivos e negativos, avanços e retrocessos, sendo assim, analisar as dinâmicas do funcionamento das sociedades e culturas posteriores pode ser a chave para melhorar o presente, de modo a examinar o passado com vistas à aplicabilidade das metodologias exitosas no agora. Com base nisso, segue-se um breve resumo deste período que será estudado.

A figura central da sociedade grega era o homem livre. Os princípios morais eram feitos por eles e para eles, as mulheres, os escravos e os rapazes eram atores secundários nesse cenário. Referente a relação sexual, como o homem é aquele que penetra, e lhe era atribuído um caráter ativo, viril, másculo, sendo estes elementos que garantiam sua supremacia. No entanto, a mulher era aquela que recebia a potência viril do homem durante o ato sexual, sendo a ela atribuída a característica da passividade e subserviência.

É interessante notar que aqui não havia uma bipartição do desejo, isto é, não era pregado socialmente que o desejo deveria orientar-se, obrigatoriamente ao sexo

oposto, por exemplo. Logo, ao homem livre era permitido e até instigado que ele exercesse sua sexualidade com ambos os gêneros. A única coisa que não era bem quista nesse recorte histórico era quando um homem exibia características femininas, pois isso representava uma traição ao seu papel natural de ser ativo e viril. Assim, geralmente, a relação entre os homens se dava da seguinte forma: um homem mais velho corteja um rapaz, mas este não podia ceder aos encantos daquele que o deseja de forma rápida e nem se demorar muito na retribuição, ao jovem era delegada a tarefa de encontrar o equilíbrio, o momento mais adequado. Além disso, essa união tinha um prazo aceitável (mas esse tempo poderia variar), que era até quando o juvenil se tornava homem. Alguns referem esse limite ao aparecimento da barba no garoto, e, além da característica ativa e viril do homem mais velho na relação, ele também tinha a responsabilidade de educar o jovem para a vida adulta, ensinando a como se portar no convívio social.

O ponto relevante aqui, era que nessa época o homem livre gozava da possibilidade de vivenciar o sexo como bem pretendesse, poderia ter sido um período marcado pela ausência de uma moral repressora nesse campo. No entanto, não foi o que aconteceu. O homem grego não possuía um código no qual todos os interditos e leis eram materializados para controlar a maneira como eles deveriam se comportar, guiando suas ações éticas e morais. Não havia uma única concepção de moral coerente e autoritária que subjugava a todos, da mesma forma. Elas eram uma espécie de complemento à doutrina comumente aceita. Não se fala aqui de imposição de uma moral sexual; ao contrário, essas regras eram uma sugestão que aquele que ao desejar ser dono de si mesmo deveria adotar, adaptando-as de acordo com o seu perfil e necessidades.

O contexto grego era marcado pelo fato de que tudo era permitido, mas nem tudo convinha. Eles entendiam que, a partir do momento que dessem vazão a todos os seus quereres e necessidades, não seriam diferentes dos animais, que eram governados pelos seus instintos. A liberdade grega nascia do comedimento e da temperança, as quais permitiam a eles ponderar sobre o que lhes era aprazível fazer e em qual momento. O sujeito que fazia tudo o que desejasse era tido como um escravo de suas paixões, como pode ser evidenciado pela seguinte fala do autor:

A ênfase é colocada na relação consigo que permite não se deixar levar pelos apetites e pelos prazeres, que permite ter, em relação a eles, domínio e superioridade, manter seus sentidos num estado de tranquilidade,

permanecer livre de qualquer escravidão interna das paixões, e atingir a um modo de ser que pode ser definido pelo pleno gozo de si ou pela soberania de si sobre si mesmo. (FOUCAULT, 1998, pag. 29-30)

Nesse sentido, como poderia alguém que não fosse dono de si próprio almejar controlar o outro? Era com base nessa premissa que se configurava todas as relações sociais, ou seja, desde o momento em que o sujeito controlasse seus desejos, sendo senhor de si, lhe era reservado o lugar de cidadão da *polis* e agora ele poderia estender seu poder aos outros. Uma moral de si que norteava a moral de outros.

O ideal de liberdade pautado no equilíbrio do desejo é ponto relevante ao se pensar a modernidade líquida na qual o desejo é desfrutado de maneira irrestrita e inconsequente. Aqui não há uma relação consigo que dignifique a si próprio e muito menos ao outro. O homem líquido não domina a si mesmo, logo, é incapaz de exercer autoridade sobre os demais.

O sujeito moderno, totalmente aprisionado pela celeridade típica de sua época e envolto em uma infinidade de modelos aos quais pode usar como elementos constituintes na composição personalizada de sua identidade, acaba se perdendo mediante a esse mar de possibilidades. Torna-se alienado e impossibilitado de estabelecer uma relação consigo e para si, sendo um eterno escravo dos impulsos despertados pelo mercado de consumo.

Talvez a única forma de redenção dos relacionamentos atuais esteja no resgate da relação consigo, através de uma educação que traga ao centro do palco o monstro sempre faminto que escraviza toda uma geração, a ideologia do capital contemporâneo, e que propicie o questionamento sobre a ideia de consumo exagerado tanto de bens, quanto do outro, que foi transformado em objeto; e igualmente, uma educação que questione essa própria transformação. Talvez a solução esteja nessa relação consigo que combateria as artimanhas alienantes do mercado, uma vez que não há como mudar a modernidade líquida em si. Não há forma de impedir a celeridade das transformações da contemporaneidade. Isso seria mais difícil que mudar o curso de um rio. Porém, o que está em seu alcance é promover meios na busca de conscientizar o sujeito da dinâmica social atual que leva a desumanização de si, do outro, das relações de amizade, de amor e das interações familiares. Devolver ao objeto homem o seu caráter humano é uma necessidade urgente no campo minado do amor líquido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do até aqui exposto, pode-se afirmar que o amor não é um sentimento universal e intrínseco ao homem. Ele não está inscrito em seu psiquismo. É uma construção que tenta dar sentido a uma vida marcada pela falta sempre presente. Logo, não é absurdo dizer que ele sofre forte influência de atravessamentos socioculturais singularizando a forma como ele se desenha em época distintas. Em consequência, cada corte cronológico compreende esse sentimento à sua maneira, orientando formas particulares de se relacionar, de estabelecer normas familiares e de se configurar enquanto sociedade.

Deste modo, a modernidade líquida, através da dissolução das instituições sólidas que norteavam a vida social, despojou o homem de seus valores e princípios morais que permitiam que ele se visse como um sujeito dotado de dignidade humana que, por isso, precisava ser valorizado, respeitado. Hoje o sujeito se impõe na sociedade como se ele fosse apenas um produto em uma gôndola de um hipermercado e assim ele também vê o outro. As relações são contaminadas com a infecção da ideologia de consumo que objetivam o outro, o transformando em um produto descartável. Este rejeite é indolor porque há tanta mercadoria disposta nesses hipermercados da vida, e cada uma delas traz a promessa de preencher o indivíduo, trazendo uma felicidade que, na verdade, nunca é alcançada.

É nesse contexto que surge a ideia de amor líquido, sentimento marcado pela fugacidade, celeridade e pelo poder de se desconectar do outro sem o menor constrangimento, sem conflito. São relações sem engajamento, vivenciadas enquanto o sujeito pode obter qualquer forma de gozo, mas ao surgir um problema, a solução não é debater, dialogar, esforçar-se para resolver; a solução é jogar fora esse objeto de amor defeituoso e conseguir um modelo mais atualizado, e portanto, melhor.

O amor líquido remete a um prato de comida o qual o indivíduo que irá saborear nunca com muita fome, pois sempre tem diversos pratos dispostos a preencher tal pequeno vazio. O prato geralmente é bonito, cheiroso e apetitoso; ao sentir o cheiro o indivíduo que está prestes a comer, come, saboreia e após se

satisfazer não quer mais comer; logo o melhor a fazer é esperar o momento para assentar pra fora, descartar o alimento que comeu, evacuar. A ideia é esperar e sentir um pouco de fome novamente e, aguardando para que um novo prato apareça repita o ritual, sem dar muita importância a beleza e o sabor do prato.

Contudo, talvez a chave para a resolução dessa situação de luto o qual enfrentam os relacionamentos seja promover uma descentralização da atenção voltada para o externo (que assim voltado é composto pela necessidade sempre urgente de consumir tudo e todos, de gozar de forma absoluta) para uma relação voltada a si que tenha como objetivo a ponderação, o equilíbrio a verdadeira liberdade. Uma relação que quebre essa escravidão, que não é normatizada pelo concreto, como era feito na modernidade, mas que é pautada em algo tão igualmente cruel que não permite que aquele que é escravo visualize sua subjugação. Pode ser que a chave para um futuro melhor das relações afetivas esteja numa educação que leve ao questionamento dessa ordem social alienante, que conscientize os sujeitos das artimanhas perversas que os cercam, que devolva a eles sua autonomia e finalmente, que os torne senhores de si.

REFERÊNCIA

APPIO, A.J. O Entorpecimento Consentido. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, vol.6 n.3, jul/dez 2014. Disponível em: <<https://www.uninter.com/revistasaude/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/320>> Acesso em: 28 de Agosto de 2018.

BARBOSA, D.R. **Império do Amor Romântico**: Diferenças culturais e sexuais em casais de noivos no Brasil e na Itália. 134 f. 2008. Tese (Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-28042009-090554/publico/teseempdf.pdf>> Acesso em:16 de Setembro de 2018.

BARRETO, M.P.S.L. Patriarcalismo e o Feminismo: uma retrospectiva histórica. **Rev. Ártemis**. ISSN:1807-8214, Vol.1, dez 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/2363>> Acesso em: 20 de Setembro de 2018.

BARROSO, A. de F. Pela responsabilização subjetiva na modernidade líquida: Novos arranjos no espaço público. **Rev. Psicol. Argum.** 2011 out./dez., 29(67), 469-478. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20327>> Acesso em: 13 de Setembro de 2018.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BESERRA, C.V.A.E; REIS, C.E.S; MONTEIRO, F.S.C.T. O Luto Simbólico Nas Relações De Amor Líquido. **Cadernos Zygmunt Bauman**, vol. 8, num. 17, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/7815>> Acesso em: 28 de Setembro de 2018.

BITTENCOURT, R.N. O Amor Coisificado Pela Sociedade De Consumo E Suas Implicações Nas Relações Humanas. **Revista EDUC-Faculdade de Duque de**

Caxias/Vol. 01- Nº 01/Jan-Jun 2014. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170608145014.pdf> Acesso em: 13 de Setembro de 2018.

COSTA, J. F. As práticas amorosas na contemporaneidade in: Psychê – **Revista de Psicanálise**, Ano III., Nº 03, São Paulo, 1999. Disponível em: <http://psicoclinic.dominiotemporario.com/doc/praticas_amorosas.pdf> Acesso em: 20 de Setembro de 2018.

DE BOTTON, A. **Ensaio de amor**. Rio de Janeiro: Rocco,1977.

DE BOTTON, A. **O movimento romântico: Sexo, consumo e o romance**. Rio de Janeiro: Rocco,1975.

DE CASTRO, J. C. L. O Amor Virtual Como Instância De Empreendedorismo e de Reificação. **Rev. Galáxia** (São Paulo, Online), n. 27, p. 72-84, jun. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014115069>> Acesso em: 24 de Setembro de 2018.

ESTEVES, M.; BORGES, E.S., O resgate do vínculo mãe-bebê: Estudos de caso de maus tratos. **Rev. Psicologia Ciência e Profissão**, 2007, 27 (4), 760-775. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007001200015> Acesso em: 29 de Agosto de 2018.

FACCHINI, R. História da Luta de LGBT no Brasil. In.: BRASIL, Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região. **Psicologia e Diversidade Sexual: Cadernos temáticos CRP SP**. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região, São Paulo: CRPSP, 2011.

FERREIRA, N.P. **A Teoria do Amor na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**. 8ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1998.

FOWLER, A.C. Love and Marriage: Through the Lens of Sociological Theories. Human Architecture: **Journal Of The Sociology Of Self-Knowledge**, v, 2, spring 2007, 61-72. Disponível em: <<https://scholarworks.umb.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1163&context=humanarchitecture>> Acesso em 23 de Setembro de 2018.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T **Método de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, A. **A Transformação da Intimidade**: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GIL, A.C. **Métodos E Técnicas De Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES, D.; ASSUNÇÃO, L. Relações amorosas na Contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**. Fortaleza, v.VI, nº 2, p. 396-425, set., 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200007> Acesso em 30 de Agosto de 2018.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Voes, 2017.

KAMINSKI, L.F. O Movimento Hippie Nasceu Em Moscou: Imaginário Anticomunista, Contracultura E Repressão No Brasil Dos Anos 1970. **Rev. Antíteses**, v. 9, n. 18, p. 467-493, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/21076/20398>> Acesso em: 14 de Agosto de 2018.

MELLO, R.M. **A confiança na construção dos vínculos objetivos: Uma perspectiva psicanalítica**. 90 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://teopsic.psicologia.ufrj.br/arquivos/documentos/C72786844BA7CCF574E575474DB54691.pdf>> Acesso em: 20 de Agosto de 2018.

MENEZES, M.C. O Mito do Amor Romântico. **Rev. Fragmentos de Cultura**. Goiânia, v. 17, n. 5/6, p. 539-572, maio/jun. 2007. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/344/282>> Acesso em: 29 de Agosto de 2018.

PINHEIRO, M.C.T.; ANDRADE, R.G. Leitura Psicanalítica da Publicidade Amorosa. **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, V. IV, nº. 2, pag. 296 -312, Set. 2004. Disponível Em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v4n2/06.pdf>> Acesso Em: 24 de Agosto de 2018.

PRIORE, M. D. Pequena História de Amor conjugal no Ocidente Moderno. **Rev. Estudos de Religião**. Ano XXI, n. 33, 121-135, jul/dez 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/download/6777/4215>> Acesso em: 1 de Setembro de 2018.

RÜDIGER, F. O Amor e o Ocidente: Origem, sentido e problemas. In.: RÜDIGER, F. **O Amor e a Mídia: problemas de legitimação do romantismo tardio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. 1º Cap. P. 25-52.

SANTOS, F.M.; NEVES, V.L. Um Mundo Fora Do Armário: políticas públicas para a população LGBT por uma garantia de igualdade de direitos. **Rev. Saberes Unicampo**, Campo Mourão, v. 01, n.02, jan. – dez. 2015. Disponível em:<<http://revistas.faculdadeunicampo.edu.br/index.php/Saberesunicampo/article/download/375/199>> Acesso em: 18 de Setembro de 2018.

SORDI, A. **A Obsolescência Programada: Sua Relação Com O Direito Fundamental À Informação E Com A Concretização Do Consumo Sustentável**. 97 f. 2016. Monografia (Curso de Direito) - Faculdade de Direito da Universidade de Passo Fundo, Campus Casca. Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.upf.br/handle/riupf/884>> Acesso em: 29 de Setembro de 2018.

SOUSA, H.S.M.; FONSECA, P. As Tribos Urbanas as de Ontem até às de Hoje. **Rev. do Hospital De Crianças Maria Pia**, 2009, vol XVIII, n.º 3. Disponível em: <<http://livrozilla.com/doc/1536551/3-vol-xviii-2009---revista-nascer-e-crescer>> Acesso em: 25 de Setembro de 2018.

SOUZA, C.B.; TERZIS, A. I., Amor Virtual e Universos Paralelos. **Rev. Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 16, n. 3, p. 62-68, setembro/dezembro 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X1999000300007&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 15 de Agosto de 2018.

SOUZA, T.B. **Amor Romântico**. 36 f. 2007. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) – Centro Universitário de Brasília -UniCEUB, Faculdade de Ciências Sociais - FASA, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1833/2/20366245.pdf>> Acesso em: 28 de Agosto de 2018.

STEIGER, Peter Douglas. A canção das canções: Interpretada pelos primeiros comentadores cristãos e medievais. **Jornal dos primeiros estudos cristãos** , v. 13, n.1, p.132-133, 2005. <<https://muse.jhu.edu/article/180819/summary>> Acesso em 21 de Novembro de 2018.

SWEENEY, Marvin A. **TANAK: A theological and critical introduction to the Jewish Bible**. Fortress Press, 2011.

<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=qgNaaCGVx9wC&oi=fnd&pg=PT11&dq=SWEENEY,+Marvin+A.TANAK:+A+a+theological+and+critical+introduction+to+the+Jewish+Bible.+Fortress+Press,+2011.&ots=J2aZFBWlwgT&sig=7m_rSRs1nzhLruHiofpVoKWaN7s#v=onepage&q=SWEENEY%2C%20Marvin%20A.TANAK%3A%20A%20theological%20and%20critical%20introduction%20to%20the%20Jewish%20Bible.%20Fortress%20Press%2C%202011.&f=false>

Acesso em 21 de Novembro de 2018.

SVARTMAN, B. Winnicott: conceitos que abrem novos caminhos. **Rev. SPAGESP** v.1 n.1 Ribeirão Preto, 2000. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702000000100016> Acesso em: 28 de Setembro de 2018.

TEYKAL, C.M.; ROCHA-COUTINHO, M.L. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Rev. PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 3, pp. 262-268, set./dez. 2007. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/2888>> Acesso em: 14 de Setembro de 2018.

WINNICOTT, D.W. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975.

ZORDAN, E.; FALCKE, D. Amor, Casamento e Sexo: Opinião de Adultos Jovens Solteiros. **Rev. Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 2, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200013> Acesso em: 13 de Agosto de 2018.